

DEBORAH JUSTINNE MERHY

**ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO SETORIAL DO PIB E EMPREGO NAS REGIÕES
BRASILEIRAS ENTRE 1985 E 2005**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas, pela Universidade Federal do Paraná.

Professor Orientador: Márcio José Vargas da Cruz

**CURITIBA
2008**

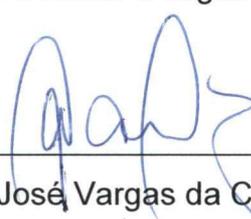
TERMO DE APROVAÇÃO

DEBORAH JUSTINNE MERHY

ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO SETORIAL DO PIB E EMPREGO NAS REGIÕES BRASILEIRAS ENTRE 1985 E 2005

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas, pela Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, mediante a seguinte banca examinadora:

Orientador: _____


Márcio José Vargas da Cruz

Professor do Departamento de Economia da UFPR

Fábio Dória Scatolin

Professor do Departamento de Economia da UFPR


José Gabriel Porcile Meirelles

Professor do Departamento de Economia da UFPR

Curitiba, 18 de novembro de 2008.

Dedico este trabalho aos meus pais, João e Deborah, que me ensinaram a buscar pelo conhecimento sempre.

Agradeço a Deus por me permitir concluir esta etapa em minha vida, e a meus irmãos Dennis e Marianne pela compreensão nas inúmeras vezes em que eu não “estava disponível”, apenas para a monografia, e pelas horas infinitas em que monopolizei o computador, e não escutei reclamação. Agradeço ao Lucas, meu namorado, pela paciência e cumplicidade neste longo período em que eu só tinha tempo para escrever e terminar este trabalho. Agradeço ao meu orientador, prof Márcio Cruz que me auxiliou no tema e não hesitou em me ajudar todas as vezes que precisei.

Nosso medo mais profundo não é de sermos incapazes. Nosso medo mais profundo é de termos poder demais. É nossa luz, não nossa escuridão que mais nos assusta. Arriscar pouco não agrada ao mundo. Não há nada de luminoso em se diminuir para que as outras pessoas não se sintam inseguras à sua volta. Fomos feitos para brilhar, como as crianças. Não está em alguns de nós, está em todos. E ao deixarmos nossa própria luz brilhar, inconscientemente permitimos que outros façam o mesmo. Já que nos livramos de nosso próprio medo, nossa esperança automaticamente libera o dos outros.

O Apanhador no Campo de Centeio – J. D. Salinger

RESUMO

Este trabalho procura compreender a importância da estrutura produtiva e suas mudanças na economia brasileira e identificar se houve convergência e ou divergência entre as regiões na composição setorial do valor agregado e do emprego, entre 1985 e 2005. Os resultados indicam que o Brasil vem perdendo participação da indústria no PIB (Produto Interno Bruto) e no emprego, processo definido como desindustrialização. Porém, tal perda, se analisada por regiões, é verificada principalmente na região sudeste, o qual estudos apontam para movimento de desconcentração industrial, que beneficiou outras regiões. As mudanças estruturais que ocorreram dentro do setor da indústria de transformação mostraram para quais segmentos houve este deslocamento. A indústria de transformação é um dos setores que tem maior importância no dinamismo da economia e influencia as taxas de crescimento de um país no longo prazo, por isso foram analisados os valores de transformação industrial. Para as pesquisas foram utilizados os dados disponíveis no IBGE, IPEADATA e RAIS.

Palavras-chave: Economia. PIB. Emprego.

ABSTRACT

This work's purpose is to understand the importance of productive structure and its changes in the Brazilian economy and identify if there was convergence or divergence between the regions in the camp composition concerning the added value and the employment rates, between 1985 and 2005. The results show that Brazil keeps losing industry partnership on the GDP (Gross Domestic Product) and employment, process defined as break industrialization. However, the damage, if analyzed by areas, can be found mostly in the south-west area, where studies show the industrial devolution movement, which helped to improve other areas. The structures changes that happened inside industry area transformation show in wich sections happened this disjoint. Transformation's industry is one of the most important areas in the economy dynamics and to increase growth rate of a country at a long term, for this were analised the industrial values of transformation. To the search were used the data basis available in the IBGE, IPEADATA and RAIS.

Key-words: Economy. GDP. Employ.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA E MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA ECONOMIA | 11 |
| 3 ESTRUTURA PRODUTIVA DO BRASIL E REGIÕES | 17 |
| 3.1 LONGO PRAZO | 17 |
| 3.2 BRASIL | 19 |
| 3.3 NORTE | 22 |
| 3.4 NORDESTE | 26 |
| 3.5 CENTRO-OESTE | 29 |
| 3.6 SUDESTE | 33 |
| 3.7 SUL | 37 |
| 4 ANÁLISE DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO PELO VTI E VARIAÇÃO DO VALOR | |
| AGREGADO..... | 41 |
| 4.1 NORTE | 42 |
| 4.2 NORDESTE..... | 43 |
| 4.3 CENTRO OESTE | 44 |
| 4.4 SUDESTE..... | 45 |
| 4.4.1 Perda da participação da região Sudeste | 46 |
| 4.5 SUL..... | 46 |
| 4.6 ANÁLISE POR SEGMENTO INDUSTRIAL | 47 |
| 4.6.1 Participação do pessoal ocupado total na indústria | 47 |
| 4.6.2 Participação do valor da transformação industrial | 49 |
| 5 CONCLUSÃO | 51 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 53 |
| ANEXOS..... | 56 |

1 INTRODUÇÃO

A seqüência de evolução da estrutura produtiva, na maior parte dos países em processo de crescimento, tende a passar de uma maior participação relativa da agropecuária para a indústria, e após, para o setor de serviços. A indústria brasileira encontra-se em um momento de mudança estrutural, em decorrência dos efeitos da abertura econômica a partir dos anos 1980, e está passando por um processo de redução da participação da indústria de transformação no PIB (Produto Interno Bruto) da economia e no emprego total. A produtividade tem aumentado menos do que nas economias desenvolvidas e tem sido acompanhada pela criação de empregos de baixa produtividade no setor terciário, ou seja, os setores mais dinâmicos da economia brasileira vêm perdendo espaço para os segmentos de média e baixa tecnologia, aqueles de baixa qualificação e produtividade.

A indústria de transformação é um dos setores que tem maior importância no dinamismo da economia e sua perda de participação na estrutura produtiva pode influenciar as taxas de crescimento e da renda. No Brasil, de acordo com os dados da PNAD, em 1986, a indústria de transformação representava 38,34% do PIB, e em 2005 a participação era de apenas 21,65%. Em relação ao emprego, de acordo com os dados da RAIS, em 1985 representava 25,44% do total de empregos no setor da indústria de transformação, e em 2005 esta participação se reduziu para 18,45%.

Uma questão relevante sobre tal processo é em que medida as mudanças contribuem para trazer conseqüências para o crescimento, principalmente na participação do emprego, que seria deslocado para outros setores da economia, inclusive, os informais. A literatura econômica sobre desenvolvimento, com enfoque na teoria estruturalista, afirma, tendo como base KALDOR (1975) e FURTADO (2006), que o crescimento de uma economia está associado a uma estrutura produtiva diversificada voltada para atividades econômicas intensivas em tecnologia. Mudanças nessa direção devem favorecer a competitividade dos países e, com isso, uma trajetória de crescimento equilibrado e sustentável. Em primeiro momento, com relação às transformações na estrutura produtiva, a partir da abertura econômica verifica-se um aumento na capacidade de competir, porém às custas de mudanças na estrutura produtiva da indústria, tendo em vista sua perda de participação relativa no PIB. Esse movimento tem sido discutido como sendo um processo de

desindustrialização, e contribui para essa mudança a apreciação do câmbio, em grande parte dos anos 1990, e mais recentemente, a partir de 2003, a valorização no preço das commodities.

No Brasil, de acordo com PALMA (2005), esse processo ocorreu devido a mudanças na política econômica, resultado da liberalização comercial e financeira. Tais mudanças estão ocorrendo em um nível muito mais baixo de renda *per capita* em relação às dos países avançados, e entende-se no Brasil que o caso é de desindustrialização “descendente¹” pois ocorre de maneira diferente dos países avançados, os quais mudam o emprego da indústria para outras atividades (principalmente para serviços). Porém, esta mudança estrutural não se verifica em todas as unidades federativas que compõem o Brasil, devido às inúmeras divergências existentes entre as mesmas.

Este trabalho procura compreender a importância da estrutura produtiva e suas mudanças na economia brasileira e identificar as regiões que apresentaram perdas e ou ganhos de participação na composição setorial do PIB e do emprego, entre 1985 e 2005. No primeiro capítulo será analisada a relação existente entre estrutura produtiva e crescimento da economia, com base na revisão de literatura sobre desenvolvimento com enfoque estruturalista relacionando a importância da indústria para o crescimento econômico a longo prazo.

No segundo e terceiro capítulos serão analisadas a participação do desempenho setorial do emprego no Brasil e regiões (através de dados da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios -, elaborado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, e dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais)); para se verificar em quais setores da economia houve deslocamento de mão de obra, e em quais setores foi alocada, verificando qual efeito de tais mudanças na economia no âmbito regional.

Será analisada também, a evolução do PIB setorial brasileiro em relação a participação do PIB total e valor adicionado no Brasil e unidades federativas, tendo como base as Contas Nacionais (IBGE), ou seja, os dados referentes ao PIB dos setores agrícola, industrial e serviços, ao longo das últimas duas décadas, a partir

¹ No Brasil, de acordo com Palma (2005), o caso é de desindustrialização “descendente” pois diferencia-se do processo de desindustrialização ocorrido nos países que possuem renda *per capita* alta. Nestes, o processo é de desindustrialização “ascendente”, nos quais economias maduras mudam o emprego da indústria para outras atividades (principalmente serviços) no processo normal de desenvolvimento.

das unidades federativas e verificar quais as participações dos PIB's setor região em relação ao PIB do país. No último capítulo, serão analisados os setores da indústria de transformação que ganharam e/ou perderam participação no VTI², relacionando a variação do PIB das regiões com o emprego, entre os anos de 1996³ e 2005.

² Valor da transformação industrial - Corresponde à diferença entre Valor bruto da produção industrial e o custo das operações industriais. Fonte: IBGE.

³ A partir de 1996 foi adotada uma nova metodologia para a PIA (Pesquisa Industrial Anual) elaborada pelo IBGE, adequada aos parâmetros do novo modelo de produção das estatísticas industriais e de serviços. Por estes dados serem mais completos, foi utilizado apenas o período 1996-2005 para analisar o VTI.

2 A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA E MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA ECONOMIA

A estrutura produtiva da economia importa na determinação da taxa de crescimento de um país e ou região a longo prazo. Kaldor (1975) enfatizou as diferenças produtivas nos países, atribuindo papel importante ao setor da indústria de transformação. Uma das leis de Kaldor a seguir resumida comprova que a perda da importância da indústria de transformação compromete o potencial de crescimento econômico: Existe uma relação positiva entre o crescimento da indústria e o crescimento do produto agregado; quanto maior a taxa de crescimento da indústria, maior será a taxa de crescimento do produto nacional.⁴ (Thirlwall, 1983)

Furtado (1972, p. 34 *apud* CRUZ *et al.* 2007 p. 3) enfatiza o papel da indústria "...a atividade industrial condiciona o comportamento global da economia e os investimentos industriais são o canal por onde penetra o progresso tecnológico."

A transferência da crescente força de trabalho na agricultura para a indústria moderna é resultado do aumento do nível de produtividade e, portanto, essencial para acelerar a taxa de crescimento da economia. O crescimento da indústria permite uma expansão substancial nas oportunidades de emprego na economia como um todo, mas isso nem sempre é considerado pelos estudos. Uma avaliação da capacidade da indústria para gerar empregos não deve considerar apenas seus empregos diretos mas também os efeitos positivos na agricultura e serviços relacionados ao crescimento do setor urbano industrial.

De acordo com estudos realizados por MARINHO, E. NOGUEIRA, C. ROSA, A. (2002, p. 5) que trata sobre As Evidências Empíricas da Lei de Kaldor –Verdoorn⁵ para a indústria de transformação do Brasil (1985-1997):

...especialmente para os países subdesenvolvidos, um maior dinamismo da indústria é fundamental para estimular o crescimento econômico, pois este setor guarda uma inter-relação dinâmica com outros. O setor primário é um

⁴ No original: "Kaldor's first law: There exists a strong relation between the growth of manufacturing output and the growth of GDP".

⁵ A representação de Kaldor da lei de Verdoorn é feita através da associação do crescimento do emprego (e) com o crescimento do produto (q), partindo-se da identidade básica de que $p \equiv q - e$. Assim: $e = \omega + eq$; Com $0 < q < 1$. Esta restrição ao parâmetro q seria, conforme Kaldor (1975), uma condição para a presença de economias de escala dinâmicas e estáticas e, para que a relação entre e e q seja estatisticamente significativa.

dos principais fornecedores de matérias-primas para a indústria. Já o desenvolvimento do setor de serviços (serviços financeiros, manutenção industrial, transportes, comércio etc.) apresenta uma elevada correlação com a evolução do setor industrial. Assim, faz-se uma suposição básica de que o aumento da produção industrial ao longo do tempo deve ser considerado como um dos fatores relevante para se determinar o dinamismo de uma economia.

Portanto, as intra e inter relações com os demais setores da economia favorecem o aumento da produtividade.

O crescimento simultâneo de várias indústrias estimula a expansão tanto das indústrias supridoras como de outras, situadas mais adiante no processo produtivo. Embutidos nesse mecanismo estão os *backward* e *forward linkages*⁶ que decorrem da interdependência (ou seja, da estrutura de insumo-produto) entre o setor industrial e o resto da economia.

Alguns autores enfatizam o aspecto dinâmico para justificar o desenvolvimento industrial. Locatelli (1985, p. 18) cita, por exemplo, que:

...Leibenstein (1957), argumenta que a mais importante contribuição de uma indústria não se relaciona aos benefícios imediatos proporcionados por maior produção, mas sim aos efeitos no nível de educação, habilidades, modo de vida, hábitos, criatividade e desenvolvimento tecnológico. (LEIBENSTEIN, 1957, p 263 *apud* LOCATELLI 1985).

Ainda, de acordo com Locatelli (1985, p.18):

... comparado com o ambiente industrial, o ambiente agrícola não é propício ou motivador da criação ou expansão de uma classe empresarial. O ambiente agrícola não é também adequado à criação de novas técnicas, e provavelmente, não levaria à disseminação do conhecimento.

Esses argumentos indicam que a industrialização oferece substanciais benefícios dinâmicos que são importantes para a transformação da estrutura tradicional dos países menos desenvolvidos.

O crescimento da produtividade é um dos elementos essenciais para a determinação do crescimento do PIB. O PIB é um dos indicadores mais utilizados

⁶ Os efeitos para trás (*backward*) e os efeitos para frente (*forward*) estão associados à vantagem da indústria em relação à agricultura no processo de desenvolvimento em função dos efeitos vinculados dos setores, ou seja, de acordo com Hirschman, os efeitos para trás referem-se aos impactos regionais vindos da implantação de indústrias que, ao aumentarem sua demanda por matérias primas e insumos no setor a montante, viabilizam suas escalas mínimas de produção na região determinada. Os efeitos para frente resultariam do volume de oferta de bens que tornaria viáveis os setores que se posicionarem a jusante na cadeia produtiva.

para mensurar a atividade econômica de uma região e é decorrente do desempenho dos três setores⁷ que compõem a economia: agropecuária, indústria e serviços.

Dentre os três setores que compõe a economia, a indústria é o de maior consumo de bens e serviços intermediários e dentre as divisões que compõem a indústria, a indústria de transformação é a que mais demanda estes recursos para seus processos produtivos. Em resumo, de acordo com ALMEIDA, J., SÁ, M. (2008, p.11), percebe-se que:

... a atividade de indústria de transformação demanda, para posterior processamento, sobretudo, bens industriais, principalmente bens da própria indústria de transformação. Dessa forma, o setor industrial, não é apenas aquele de maior potencial indutor do crescimento econômico do País como um todo, é também aquele de maior potencial para induzir a expansão da própria indústria, em especial da indústria de transformação.

A indústria de transformação, ao gerar empregos, incentiva o consumo que tem como consequência aumento do PIB, ou seja, é com o aumento da capacidade produtiva (mais fábricas, mais geração de empregos) que se consegue obter aumento sustentável na renda de um país.

De acordo com Furtado (2006, p. 4)⁸:

...crescimento sustentado está sempre associado a mudanças estruturais na produção e no emprego como resultado tanto da expansão e diversificação das atividades econômicas, passando da agricultura à indústria e desta aos serviços, quanto da evolução para atividades de maior valor adicionado dentro de cada setor, mediante a introdução de novos produtos e processos.

A indústria possui grande potencial de crescimento econômico, porém, ao longo do processo de consolidação da indústria brasileira, a mudança da estrutura produtiva reproduz o padrão de comportamento previsto pela literatura teórica e ocorrência verificada em vários países:

Em nível agregado, a evolução da estrutura do Produto Interno Bruto (PIB) por setores tende, nos países que passam por processos de crescimento econômico, a atravessar uma seqüência típica tal que, primeiro tem-se uma queda na participação da Agropecuária e outras atividades "primárias" no produto total. A queda resulta do aumento da produtividade no campo e ocorre com expulsão de mão de obra para o meio urbano. Essa redução do peso do setor primário é compensada inicialmente por forte expansão da Indústria — que é o que caracteriza o crescimento via industrialização — e,

⁷ A divisão em três setores foi proposta inicialmente por CLARK (1940) em "The Conditions of Economic Progress" - Londres, Macmillan e FISCHER (1939) em "Production, primary, secondary and tertiary" - Economic Record.

⁸ Celso Furtado em entrevista a Rubens Ricupero.

em menor medida, pelo aumento dos Serviços. Posteriormente é esse setor que vê crescer sua participação de forma lenta, mas contínua, no produto agregado. (BONELLI, 2005 p. 2).

Em primeiro momento as mudanças de longo prazo beneficiam o crescimento da participação da indústria no PIB, em detrimento da agropecuária. Este fenômeno acontece no Brasil até a década de 80, quando a participação relativa deste setor passa a se manter estável. A partir deste período, a indústria continua tendo um papel importante na dinâmica do crescimento econômico, mas perde participação relativa no fluxo de riqueza para o setor de serviços.

O próprio processo de desenvolvimento tem gerado mudanças que influenciam a perda da participação da indústria na economia.

Dependendo do país, o peso da indústria também pode diminuir com o passar do tempo, em função seja do grau de desenvolvimento, [...], seja da política econômica geral e, em especial, da política comercial. Essa evolução típica caracteriza tanto a evolução do produto quanto do emprego. Nesse último caso, a fase de perda de participação relativa da indústria é denominada de desindustrialização. (BONELLI, 2005 p. 2)

Palma (2005) analisa as mudanças na estrutura dos países desenvolvidos:

Essencialmente, no curso do longo-prazo do desenvolvimento econômico, as mudanças na estrutura de empregos são deflagradas por um aumento na produtividade do setor agrícola. Esse aumento de produtividade reduz a necessidade de mão-de-obra na agricultura... Conseqüentemente, dois processos são deflagrados: um em que a mão-de-obra começa a ser liberada da agricultura; e outro no qual a mão-de-obra é absorvida progressivamente por outros setores da economia. [...] Durante essa nova fase, geralmente chamada de fase de "industrialização", a mão-de-obra é absorvida principalmente pela indústria e serviços. Na fase seguinte, paralelamente a uma contração contínua do emprego na agricultura e uma expansão do emprego no setor de serviços, segue a tendência de estabilização da participação do emprego industrial no contexto geral de empregos. Finalmente, vem uma nova fase, na qual o emprego industrial começa a cair, [...]; neste meio tempo, os serviços continuam sendo a fonte principal de absorção de mão-de-obra. Essa fase mais tardia é comumente chamada de fase de "desindustrialização. (PALMA, 2005, p. 2).

Ou seja, define-se desindustrialização como a perda persistente de participação da indústria no valor adicionado e no emprego de um país. Se a perda de empregos industriais gera aumento de empregos de produtividade elevada em outros setores, como o de serviços, então as mudanças estruturais podem implicar em nível de bem estar elevado a longo prazo e contribuir com o processo de desenvolvimento econômico.

Para o caso brasileiro, de acordo com Palma (2005), esse processo está ocorrendo devido a mudanças na política econômica, resultado da liberalização comercial e financeira. Entende-se no Brasil que o caso é de desindustrialização “descendente” e ocorre de maneira diferente dos países avançados, os quais mudam o emprego da indústria para outras atividades (principalmente para serviços). Um problema para o fato do processo de desindustrialização brasileiro é decorrente de a renda *per capita* estar abaixo dos países desenvolvidos quando estes tiveram o início do processo de perda da participação industrial:

Por fim, essa "doença" também se espalhou para alguns países latino-americanos; mas a questão central neste caso é que ela não foi originada pela descoberta de recursos naturais ou pelo desenvolvimento do setor de exportação de serviços, mas sim principalmente devido a uma drástica mudança no seu regime de política econômica. Basicamente, ela resultou de um processo drástico de liberalização comercial e financeira no contexto de um processo radical de mudança institucional, o que levou a uma acentuada reversão da sua pauta prévia (estatizada) de industrialização por substituição de importações. [...] A principal diferença entre a América Latina e a Europa continental é que na última as transformações cruciais ocorreram nas relações industriais, bem estar social, empresas públicas, etc., enquanto que na América Latina, como esses países foram atingidos pelas novas políticas em um nível muito mais baixo de renda *per capita*, essas novas políticas também obstruíram sua transição rumo a uma forma de industrialização mais madura - isto é, auto-sustentável. (PALMA, 2005, p. 20 - 22).

No caso brasileiro, observa-se a ocorrência da desindustrialização acompanhada de menor produtividade na indústria brasileira em relação às outras economias desenvolvidas, e a criação de empregos de baixa produtividade no setor terciário.

Quando a desindustrialização se explica em grande medida pelo dinamismo da produtividade, ela se associa ao aumento do emprego de alta produtividade e elevada qualificação da mão-de-obra em outros setores da economia. Trata-se de um processo virtuoso, natural, de mudança estrutural no desenvolvimento de uma economia. (ROWHTORN, 1999, *apud* CRUZ et al. 2007 p. 20).

Porém, verifica-se em alguns casos que o que acontece é que o emprego que deixa de ser criado no setor industrial transfere-se para os segmentos do setor serviços de baixa e média intensidade tecnológica, que não exigem elevada qualificação profissional, gerando baixo dinamismo econômico.

Segundo Feijó, C. Carvalho, P. Almeida, J. (2005), no Brasil, houve um retrocesso muito intenso da indústria no PIB, iniciada nos anos 1980. Esta queda da

participação da indústria pode ser classificada como “relativa”, pois não houve perda irreparável na estrutura industrial do país e em sua capacidade dinâmica, o que significa que a indústria no país pode recuperar-se. Através de pesquisas estes autores concluíram que houve perda de peso em termos de receita nos grupos de baixa e média tecnologia e o setor de alta e média tecnologia ganhou espaço na estrutura industrial, o que evidencia que a participação da indústria está ligada a novas tecnologias no crescimento deste setor.

A seguinte seção irá analisar a mudança estrutural que ocorreu no Brasil desde 1985-2005 e posteriormente verificar se o fenômeno da desindustrialização que reflete uma mudança na composição da produção e do emprego tem ocorrido em todas as regiões brasileiras analisando os setores da economia (agropecuária, serviços, indústria).

3 ESTRUTURA PRODUTIVA DO BRASIL E REGIÕES

O processo de desenvolvimento econômico brasileiro levou a uma forte concentração geográfica da produção em poucos estados, e ao longo da história, o país tem passado por mudanças estruturais que influenciam o PIB e o emprego. Nesta seção serão identificadas as tendências relacionadas ao âmbito nacional, em termos de evolução da composição do emprego e da participação dos setores no valor adicionado, assim como as mudanças estruturais ocorridas nas regiões brasileiras.

3.1 LONGO PRAZO

Ao comparar a análise no longo prazo das mudanças estruturais ocorridas no Brasil, desde os anos 1947 até 2005, constata-se que a evolução da distribuição por setores em relação ao valor adicionado segue os padrões normais observados em todos os países em desenvolvimento: primeiro tem-se uma queda significativa da participação da agropecuária, compensada inicialmente pela expansão da indústria. Em um segundo momento, há um incremento da participação do setor de serviços.

O gráfico 1, com as participações dos três setores (agropecuário, indústria e serviços) no PIB, calculados com base nos valores a preços constantes de 1949 comprova a redução da participação do setor agropecuário, e posteriormente queda da participação da indústria e expansão da participação dos serviços.

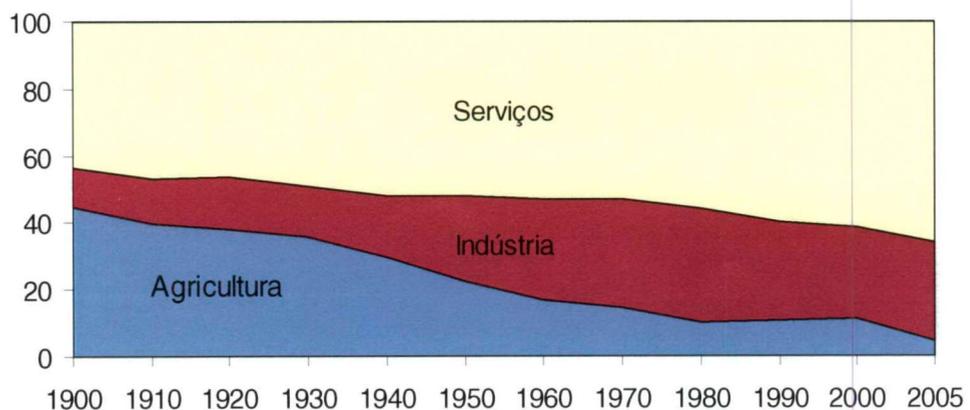


GRÁFICO 1 - PARTICIPAÇÕES PERCENTUAIS DOS TRÊS MACRO-SETORES NO PIB (% A PREÇOS DE 1949) PARTICIPAÇÕES % NO PIB A PREÇOS CONSTANTES 1900-2005

FONTE: (BONELLI, 2005). Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

Em 1950, o setor agropecuário era responsável por 22,4% do total do PIB; em 2005 houve queda deste percentual para 4,69%. No mesmo período a indústria teve uma participação crescente até 1985 (passando de 25,6% em 1950 para 43,79% em 1985), em seguida, representou 29,59% do PIB em 2005. Já o setor de serviços apresentou ao longo do período crescimento, passando de 51,9% em 1950 para 65,72% em 2005, confirmando mesmo comportamento em relação ao observado nos países em desenvolvimento conforme Palma (2005) e Bonelli (2005).

Porém, no Brasil há um problema diferente do que tem acontecido nos países desenvolvidos, a renda *per capita* brasileira está abaixo dos países desenvolvidos, quando estes tiveram o início do processo de perda da participação industrial, conforme Palma (2005).

O gráfico 2 mostra que a evolução de longo prazo da estrutura industrial brasileira em relação ao emprego, apresenta durante a maior parte do período, um crescimento da indústria acima do padrão normal, até a década de 80, o qual o país sofre com a crise da dívida externa, além de impactos sucessivos de períodos de recessão, estagnação e superinflação. O ajustamento industrial se deu a partir da década de 90 através da abertura comercial, reforma do estado e a estabilização. Este estágio de industrialização mostra a perda da participação da agropecuária e da indústria, conforme observado em relação ao PIB.

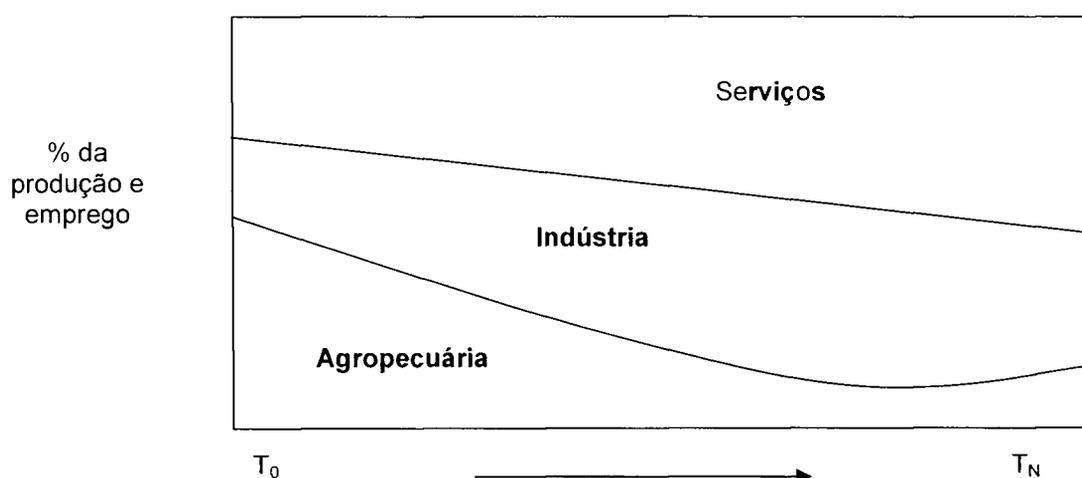


GRÁFICO 2 - ESTÁGIO DE INDUSTRIALIZAÇÃO - O MODELO COM BASE NA DIVISÃO DA ECONOMIA EM TRÊS SETORES

FONTE: (CRUZ, M. et al. 2007)

3.2 BRASIL

A dinâmica da participação do emprego e do produto no Brasil pode ser analisado de acordo com Fochezatto (2001) da seguinte maneira nos anos discutidos neste trabalho: década de 80, o qual se caracteriza pela forte difusão das novas tecnologias de produção e reestruturação produtiva; e a partir da década de 90, abertura comercial e aceleração do processo de reestruturação e estabilização macroeconômica. Com a política de incentivos fiscais e investimentos produtivos em infra-estrutura, a tendência de concentração econômica regional, como a verificada em São Paulo, passou gradativamente a se dispersar no espaço nacional, e embora relativamente diversificada, tem se tornado cada vez mais especializada. A dinâmica setorial pelo qual o Brasil passou neste período será analisada a seguir.

Analisando a participação do valor adicionado dos setores no PIB brasileiro, constata-se queda da participação do setor agropecuário, que em 1985 representava 11,23% do PIB, passando para 4,69% em 2005. Neste mesmo período, verifica-se que em 1986 a indústria de transformação era responsável por 33,15% do PIB, e em 2005 passa a representar 18,29%. Estes dados revelam que a indústria e as atividades agropecuárias vem perdendo espaço na economia e que transferem sua participação para outro setor: o de serviços. Nos anos 1985 a indústria representava 43,79% da arrecadação do PIB e o setor de serviços 44,98%. Em 2005 a indústria correspondeu a 29,59% do PIB e o setor de serviços 65,72%. Devido a mudança metodológica ocorrida em 2002, percebe-se alterações significativas nos dados disponíveis em relação ao PIB: em 2001 a indústria era responsável por 40,21% do PIB e o setor serviços por 51,47%, após mudança no sistema de Contas Nacionais, verifica-se que em 2002 a participação no valor agregado destes setores era de 27,37% na indústria e 67,12% nos serviços. Esta mudança estrutural que ocorreu no Brasil entre os anos 1985-2005, sugerindo um processo de desindustrialização, pode ser visualizado no gráfico 3.

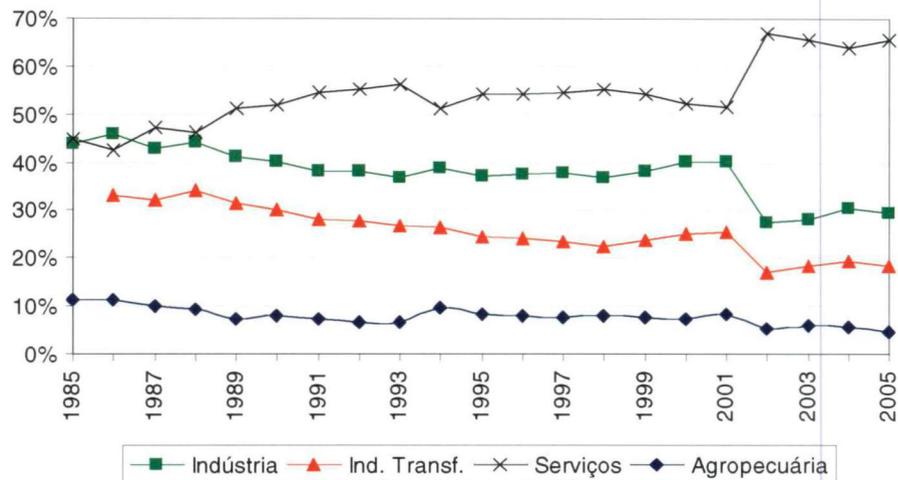


GRÁFICO 3 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NO ÂMBITO NACIONAL ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

Outra fonte importante para a análise da estrutura produtiva são os dados do emprego contidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). De acordo com estes dados, a participação da indústria de transformação no emprego total vem declinando desde 1985. Na década de 80 chegou a representar 27,06% do total de empregados; em 2005 este percentual caiu para 18,45%. A redução na participação do emprego significa queda da representatividade deste setor na economia do país.

Entre os anos 1985 e 2005 houve uma redução nos empregos formais nos setores da indústria e agropecuário. Já no setor de serviços ocorre o contrário. Em 1985 era responsável por 67,96% dos trabalhadores e em 2005 representava 76,13% de toda a mão de obra ocupada, conforme verificado no gráfico 4.

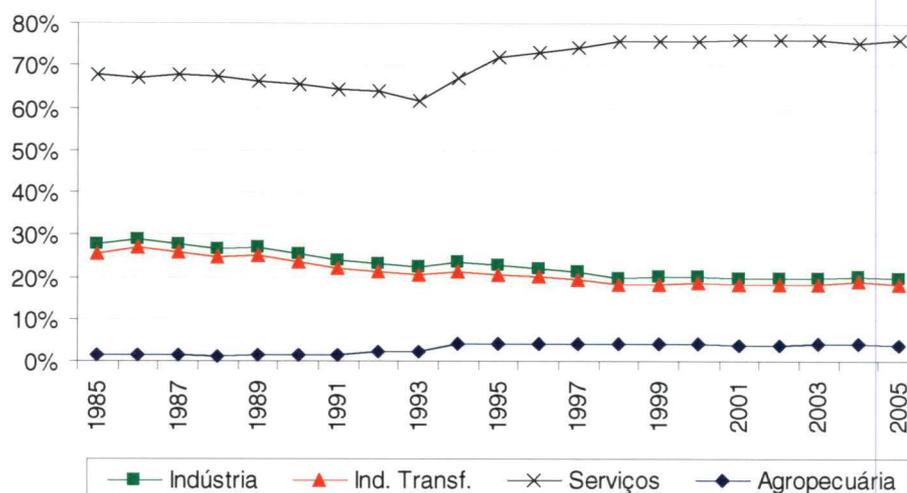


GRÁFICO 4 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES EM RELAÇÃO AO EMPREGO TOTAL NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

Fazendo uma análise resumida, a participação média da indústria em geral (incluindo a extrativa mineral, os S.I.U.P - Serviços Industriais de Utilidade Pública - e a construção civil) no PIB, nestas duas últimas décadas, ficou em torno de 38%. A indústria de transformação teve uma participação média de 25% do valor agregado, tendo sua participação caído ao longo dos anos. A agropecuária representou uma média de 7%, e por fim, os serviços representaram 54% do produto, ou seja, as atividades agropecuárias e industriais perderam peso em relação a participação do setor de serviços, que apresenta importante incremento no PIB e no emprego. Esse processo é definido como “desindustrialização” e a longo prazo segue as tendências observadas na nações em desenvolvimento.

Porém, no Brasil além da indústria e a indústria de transformação perderem participação no valor adicionado e no emprego, as mudanças estruturais dentro dos setores não tem sido benéficas. A perda de participação do emprego na indústria de transformação ocorreu nos setores mais dinâmicos e de maior concentração tecnológica. No setor de serviços houve criação de empregos nos segmentos de média e baixa tecnologia, que apresentam menor produtividade, conforme CRUZ, M. *et al.* (2007).

A indústria de transformação é um dos setores que tem maior importância no dinamismo da economia, e a perda de sua participação nas regiões brasileiras

compromete o potencial de crescimento do país além de que é através da indústria que se estimula o processo tecnológico e a expansão do conhecimento.

Na seção anterior foram identificadas as tendências relacionadas ao âmbito nacional, em termos de evolução da composição do emprego e da participação dos setores no valor adicionado. O objetivo nas próximas seções é fazer uma análise mais desagregada, procurando identificar as principais mudanças estruturais ocorridas em nível regional. Por isso, serão verificadas quais as regiões que passaram por mudanças estruturais mais profundas e as conseqüências para a economia. Para tanto, serão analisadas as cinco regiões que compõem o Brasil: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul, conforme segue.

3.3 NORTE

A participação da região Norte no valor adicionado do PIB brasileiro é pequeno em relação às outras regiões estudadas, porém todos os setores apresentam elevação da sua participação desde 1985. De acordo com Diniz (2002), esse crescimento foi beneficiado pelos incentivos fiscais proporcionados pela SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) e pela SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus), o que permitiu a instalação de indústrias de tecnologia avançada e alta produtividade como as de bens eletrônicos e o aproveitamento de recursos naturais principalmente no Pará. Em 1985 a indústria era responsável por 3,42% do PIB do país, o setor de serviços por 3,25% e a agropecuária por 5,83% passando em 2005 para 5,40% (a Zona Franca de Manaus mantém cerca de 500 indústrias), 4,58% (aumento e exploração do turismo na região) e 11,64% da agropecuária. Visualizam-se no gráfico 5 as mudanças relativas ao valor adicionado desta região no âmbito nacional. Em 2002, mudança metodológica, por isso, as variações expressivas neste ano.

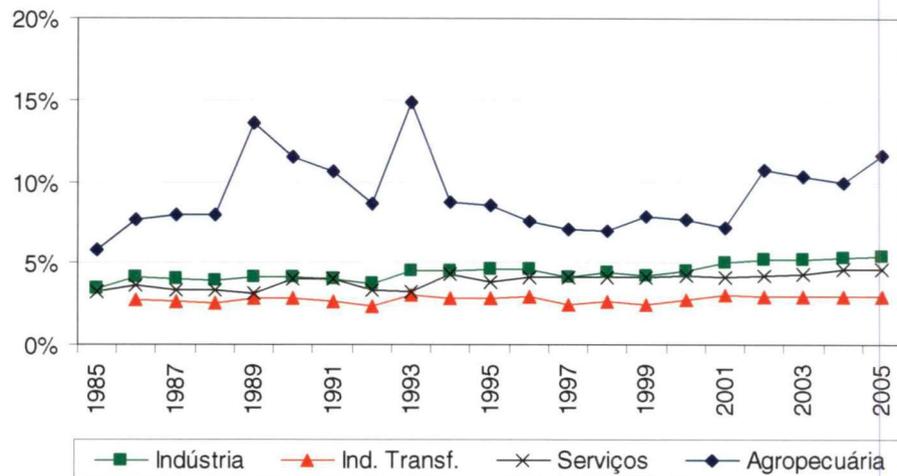


GRÁFICO 5 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, DA REGIÃO NORTE NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

Se analisar apenas o segmento da indústria de transformação verifica-se que em 1986 a participação no PIB era de 2,75%; já em 2005 o índice é de 2,98%. A maior variação deste setor foi em 1993 quando apresentou 3,08% do valor agregado, o que demonstra que dentro da indústria, outros segmentos industriais foram responsáveis pelo incremento de 1,98 pontos percentuais na participação do PIB, e não a indústria de transformação.

Porém, analisando a participação do valor adicionado na região Norte, verifica-se que a indústria e a agropecuária apresentam queda em sua participação conforme gráfico 6.

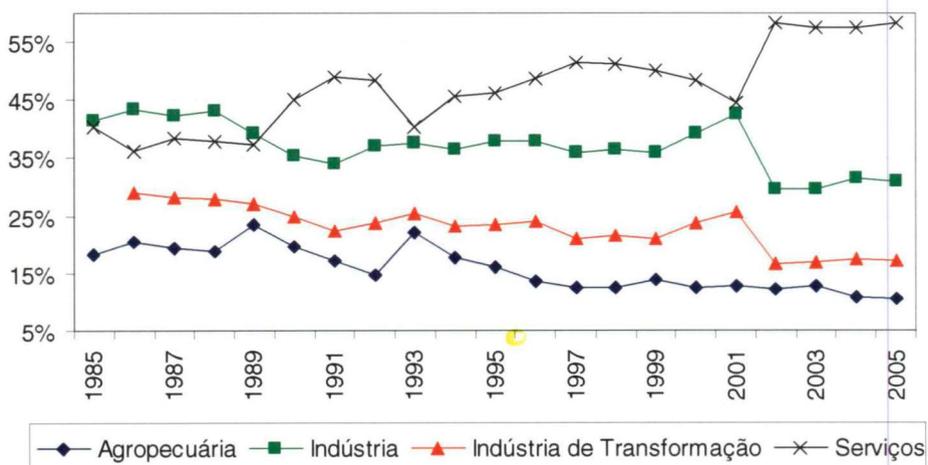


GRÁFICO 6 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO NORTE ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

Nesta região, em 1986 a indústria era responsável por 29,03% do PIB, e em 2005 apresenta queda para 17,08%. O setor de serviços, por sua vez, apresenta elevação de sua participação, de 36,28% em 1986 para 58,41% em 2005. Estes dados mostram que na região Norte houve perda de participação no valor adicionado no setor industrial, mas em relação a representatividade no PIB nacional houve elevação.

De acordo com dados da RAIS⁹, em 1985 o setor serviços era responsável por 82,19% da mão-de-obra formal da região, e em 2005 este índice passou para 85,12%. Porém, ao longo dos anos demonstra que na década de 90 houve uma queda brusca deste setor entre 1990 e 1994, porém, recuperou-se a partir de 1997. A mão-de-obra empregada na indústria teve sua participação reduzida neste período, representava 16,28% do total em 1985 e em 2005 empregava 11,59% da população. Houve aumento da participação da população nas atividades relacionadas a agropecuária. Em 1985 a participação na agricultura era de 0,58% da população e em 2005 este índice já chegava a 3,24%, conforme gráfico 7.

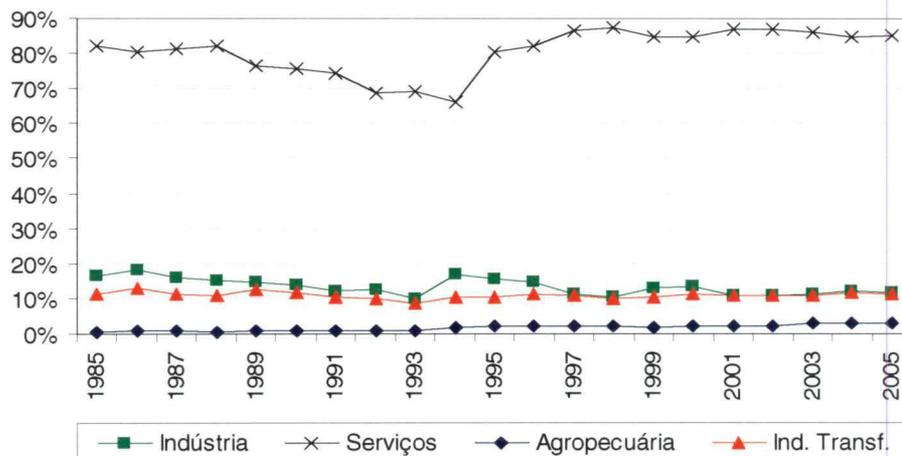


GRÁFICO 7 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO NORTE ENTRE 1985 A 2005

⁹ A RAIS capta o emprego formal dos trabalhadores celetistas, estatutários e temporários. É uma estatística diferente da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois a PNAD considera também os empregos informais e os empregados domésticos que não entram na RAIS. A RAIS apresenta algumas dificuldades nas comparações temporais. De acordo com seus responsáveis, "... a partir dos anos 90, os dados da RAIS vêm registrando importantes avanços qualitativos e quantitativos (...) Neste período, a cobertura tem oscilado em torno de 90% do setor organizado da economia, levando à caracterização da RAIS como censo do mercado formal". Informações disponíveis no site da RAIS.

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

O gráfico 8 que apresenta dos dados da PNAD¹⁰ confirma a queda da participação do emprego no setor industrial, devido principalmente a abertura do mercado brasileiro às importações, promovida pelo Governo Federal em 1991. Tal política provocou queda da produção e desemprego, afetando fortemente a Zona Franca de Manaus, conforme Diniz (2002).

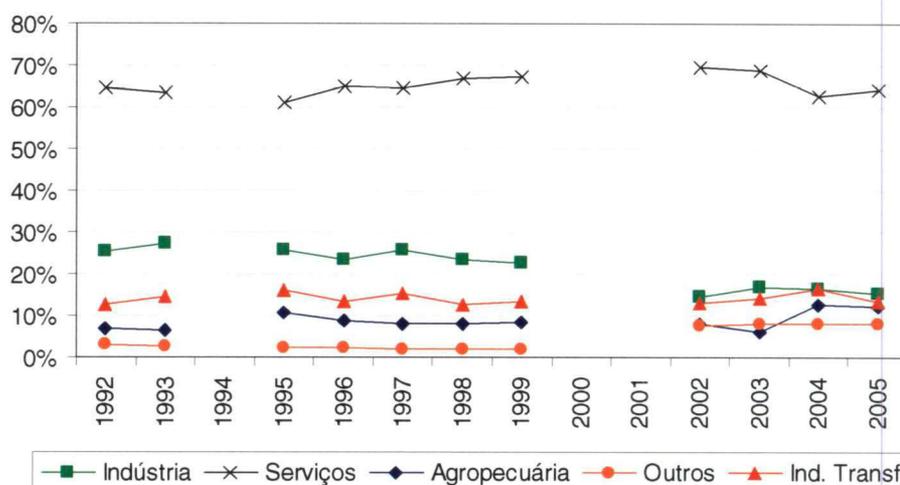


GRÁFICO 8 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO, INCLUINDO FORMAL E INFORMAL, DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO NORTE ENTRE 1992 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Obs. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991.

Dados do IEDI¹¹ indicam que na região Norte está ocorrendo um amadurecimento do parque industrial da Zona Franca de Manaus, o qual vem avançando para diversos setores. Dada esta tendência, cada vez mais o pólo vem tornando-se uma das mais importantes áreas industriais do país. Mesmo com a diversificação da produção industrial em Manaus e dos empreendimentos no Pará, os outros investimentos são pequenos, o que causa aumento das diferenças em relação ao país como um todo e a dependência da exploração de recursos naturais com baixa agregação de valor no local.

¹⁰ As informações da PNAD referem-se ao período a partir de 1992, em função dos dados disponíveis apenas a partir deste ano.

¹¹ Carta IEDI n. 166 - Para Onde Vai A Indústria Brasileira? (2005)

3.4 NORDESTE

A região Nordeste continua em situação de atraso relativo, apesar do crescimento diferenciado que ocorre dentro da própria região, a exemplo da Bahia e do Maranhão.

No gráfico 9 pode-se analisar o processo da estrutura da região Nordeste em relação ao Brasil. A indústria de transformação, que em 1986 representava 7,10% do PIB nacional, em 2005 passa a representar 5,66%. Já na agricultura, verifica-se uma redução da sua participação entre os anos 1988 e 1993, de 20,90% para 14,45%; depois outra redução entre 1996 a 2001, de 19,98% para 14,35%. Após o ano de 2002 apresenta crescimento em sua participação no valor adicionado chegando a 23,28% em 2005.

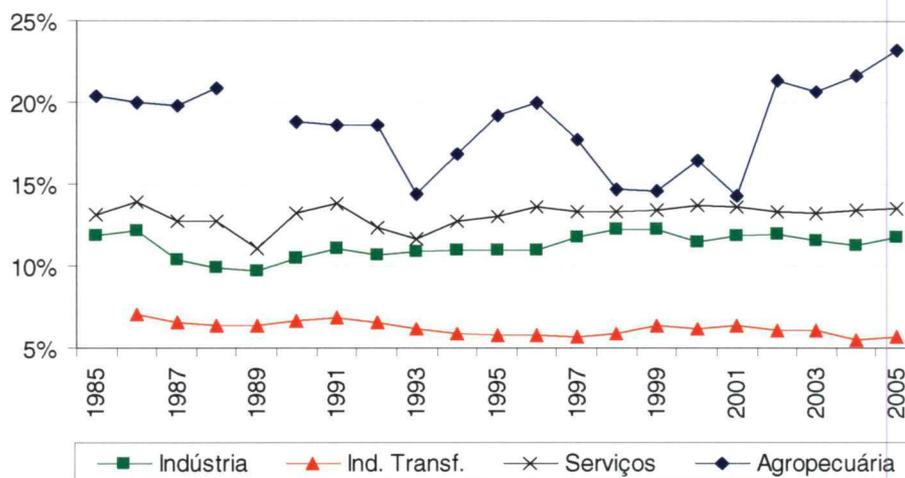


GRÁFICO 9 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, DA REGIÃO NORDESTE NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

No gráfico 10 pode-se visualizar que a indústria e a indústria de transformação perdem participação no valor agregado da região, e a agricultura, mesmo possuindo participação importante no PIB brasileiro, não é o responsável pelo maior ganho de participação entre os anos 1985 a 2005, mas sim o setor de serviços.

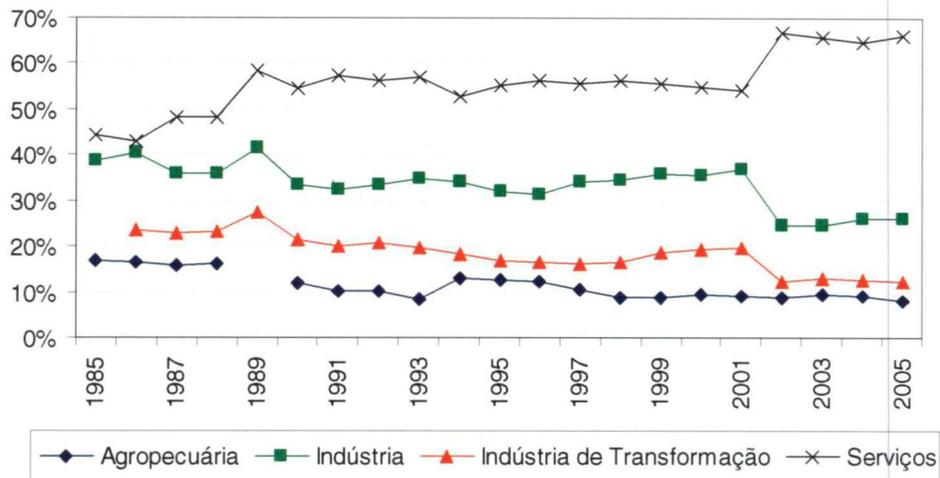


GRÁFICO 10 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO NORDESTE ENTRE 1985 A 2005

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

Com relação à indústria, de acordo com Diniz (2002), a Bahia aumentou de 1,5% para 4% sua participação industrial do país, correspondendo a quase 50% da região nordeste em 1990. A região Nordeste também recebeu incentivos fiscais que levaram várias indústrias para a região. A exemplo, Lima (2004) cita as áreas que têm assumido proporções crescentes no cenário econômico regional, os “pólos dinâmicos”: Complexo Petroquímico de Camaçari, as zonas agroindustriais de Petrolina/ Juazeiro do submédio São Francisco e dos cerrados do Oeste da Bahia, o pólo têxtil/ confecções de Fortaleza e o pólo mineiro-metalúrgico Carajás – São Luiz. Além destes, em dimensões menores, o agreste pernambucano, a agricultura de grão do sul do Piauí e do Maranhão, bem como a fruticultura do Rio Grande do Norte (Vale do Açu).

Os incentivos fiscais através da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) viabilizaram a implantação de projetos industriais voltados para os mercados locais, nacionais e para exportação, porém, um conjunto de fatores como a falta de fiscalização adequada, os desvios de verbas, a criação de sucessivos programas especiais sem continuidade e sem consulta aos governadores, e a escassez de recursos e de pessoal qualificado formaram um quadro desfavorável que levou a SUDENE a recuar suas atividades por um tempo, porém nos últimos anos os compromissos foram retomados.

A região Nordeste, conforme gráfico 11, apresenta características semelhantes ao que acontece no Brasil em relação ao emprego do setor industrial: tendência a uma maior participação relativa para outros setores. Em 1985, 18,07% da mão-de-obra formal estava empregada na indústria, 79,94% no setor de serviços e 1,50% na agricultura. Em 2005 verifica-se que estes percentuais de emprego sofrem algumas modificações. Neste ano, 15,03% da população estava empregada na indústria, o setor de serviços passa a ser empregador de 81,51% da população e a agricultura agora representa 3,46% da mão-de-obra ocupada.

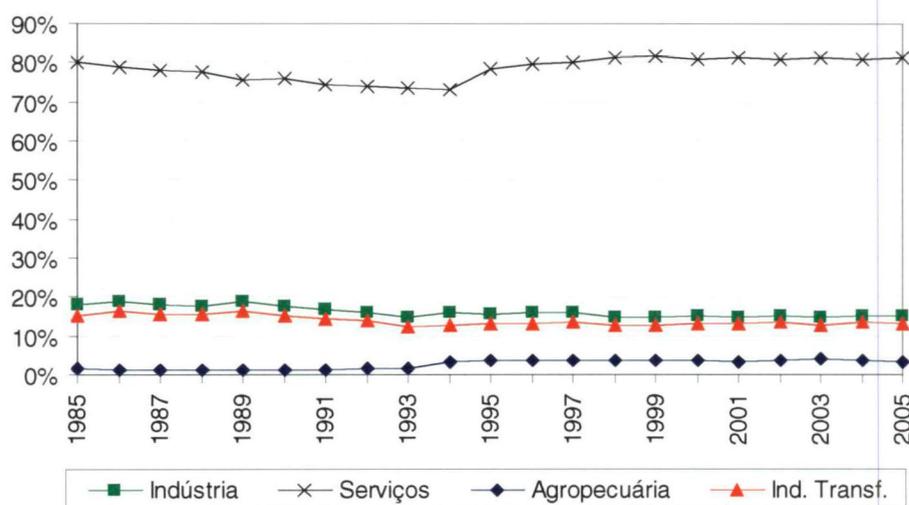


GRÁFICO 11 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO NORDESTE ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

O gráfico 12 mostra a perda de participação do emprego, incluindo formais e informais na indústria e aumento de participação destas vagas para o setor de serviços. Tanto a indústria de transformação quanto a indústria como um todo vem perdendo participação no total do emprego: em 1992 a indústria era responsável por 25,69% do total de trabalhadores na região, já em 2005 esse percentual cai para 14,78%. O setor de serviços absorve esta mão-de-obra.

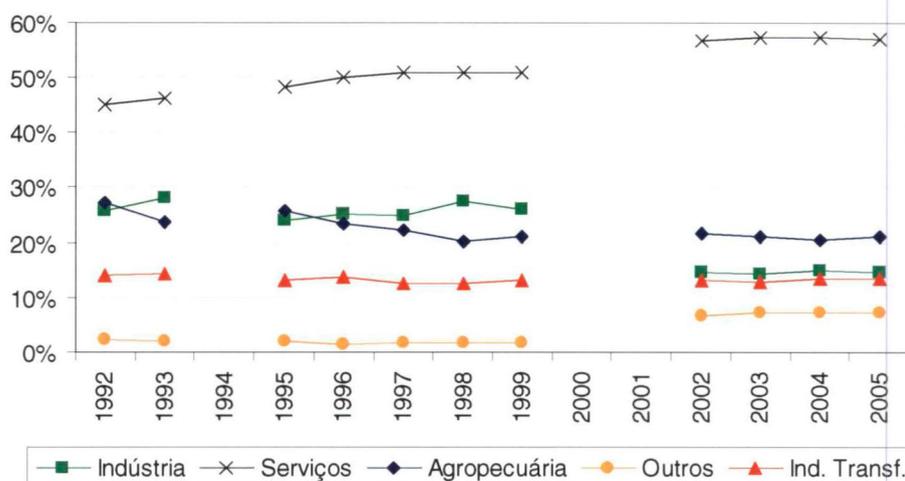


GRÁFICO 12- PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO, INCLUINDO FORMAL E INFORMAL, DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO NORDESTE ENTRE 1992 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Obs. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991.

3.5 CENTRO-OESTE

Ao se analisar a estrutura produtiva da região Centro-Oeste percebe-se que nesta região não há evidências de desindustrialização, pelo contrário: a participação do PIB da indústria nesta região vem crescendo ao longo dos anos, especialmente pelos efeitos da expansão da fronteira agrícola, e do aproveitamento de recursos minerais da região, de acordo com Fochezatto (2001). Porém, esta região mantém importante participação da agricultura, tanto no valor adicionado quanto na composição do emprego.

O gráfico 13 apresenta a participação dos três setores da economia (agropecuária, serviços e indústria) no valor adicionado da região Centro-Oeste, entre 1985 e 2005.

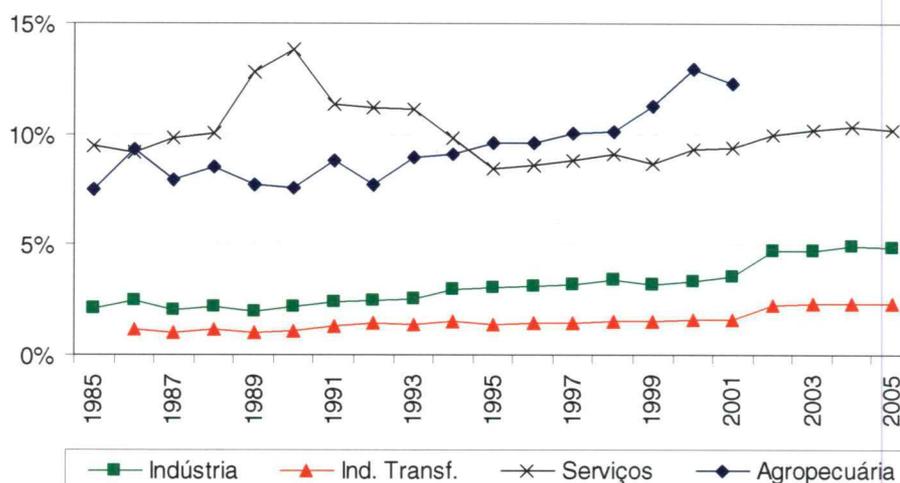


GRÁFICO 13 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO CENTRO-OESTE NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

A participação da indústria na região Centro-Oeste apresentou comportamento contrário ao verificado no Brasil. Em 1985 representava 2,09% do total do PIB brasileiro, e em dados de 2005 este setor foi responsável por 4,89% do PIB do país. A expansão do setor industrial foi acompanhada do aumento na geração de empregos. O emprego no setor da indústria que representava em 1985 11,08% do total de pessoas ocupadas passou a representar 12,08% de empregados no setor na região em 2005. As indústrias mais expressivas são recentes, atraídas pela energia abundante fornecida pelas usinas, conforme Diniz (2002).

A evolução da participação do setor serviços cresceu até a década de 90, chegando a representar 13,83% do PIB; ao longo da década de 90 houve redução e em 1999 representava 8,69%; a partir do ano 2000 verifica-se crescimento deste setor e conseqüentemente elevação da sua participação do PIB, representando 10,16% do PIB em 2005. A agricultura de igual forma apresentou instabilidade com relação a participação, porém a partir de 1993 sua participação tem apresentado crescimento constante; passando de 9,33% em 1986 para 7,74% em 1992 e 12,33% em 2001, ênfase para a agricultura comercial, que já supera o extrativismo mineral e vegetal.

Observa-se, com base no gráfico 14, que o setor serviços é a atividade que possui maior representatividade no valor adicionado total da região.

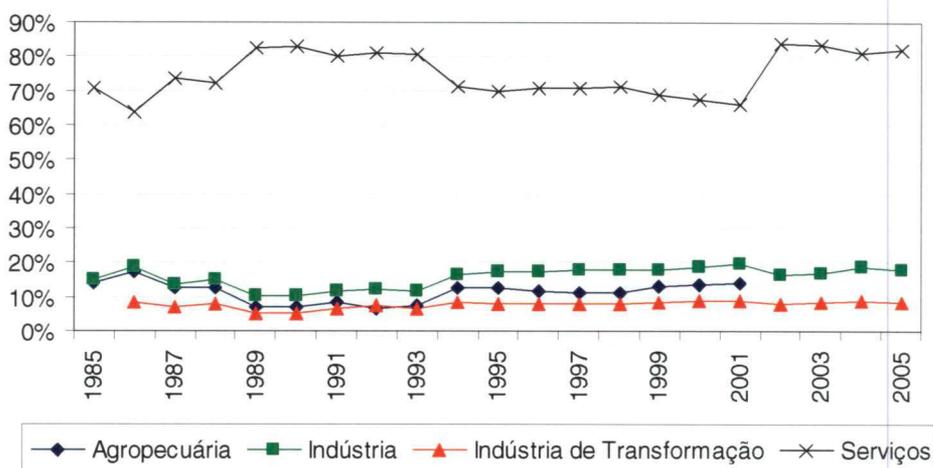


GRÁFICO 14 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO CENTRO-OESTE ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

A evolução da participação do setor serviços cresceu até a década de 90, e em 2001 chegou a representar 66,28% do PIB da região, sendo que em 1985 era responsável por 70,70% do total. A partir de 2001, esta região eleva sua participação, chegando a 82,20% em 2005. A indústria e a indústria de transformação conforme o gráfico apresentam crescimento a partir de 1990.

De acordo com a PIA (Pesquisa Industrial Anual) de 2005, o estado de Goiás foi um dos estados que obteve ganho de participação em todas as variáveis. O bom resultado deveu-se a diversos fatores, como políticas de incentivos fiscais, verticalização da produção mineral e da agropecuária, bem como uma forte política de atração de investimentos que possibilitou a diversificação do setor fabril no período. Ao analisar o VTI da região, os segmentos com maior peso na estrutura industrial do Estado foram: fabricação de produtos alimentícios e bebidas; fabricação de produtos químicos, metalúrgica básica (ligado à transformação do setor mineral – ouro em barras, ferroníquel, ferronióbio e outros), e fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias.

A região Centro-Oeste se beneficiou do processo de deslocamento regional do emprego, elevando sua parcela na maior parte dos segmentos industriais. A partir das informações disponíveis na PNAD e na RAIS, apresentados nos gráficos 15 e 16, será analisado a participação do emprego na indústria, serviços e agropecuária,

e estes evidenciam a perda de participação de mão de obra no setor serviços, e aumento da sua participação no total emprego nos outros setores.

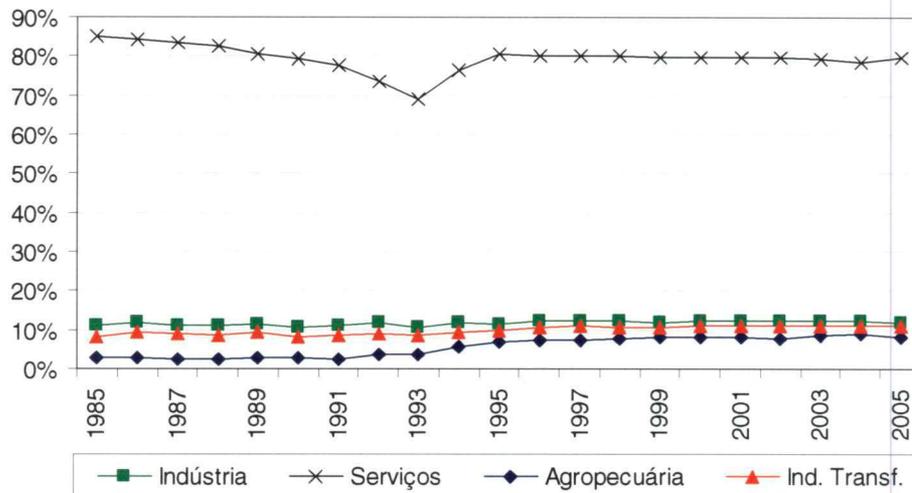


GRÁFICO 15 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO CENTRO – OESTE ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

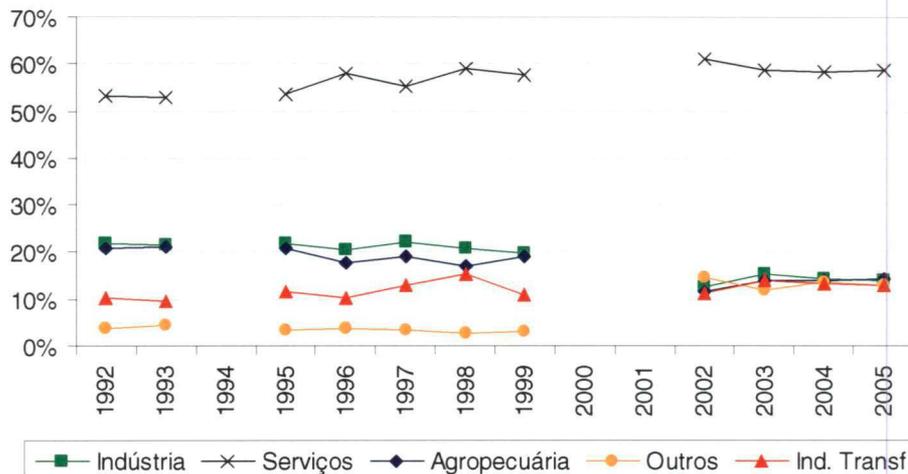


GRÁFICO 16 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO, INCLUINDO FORMAL E INFORMAL, DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO CENTRO – OESTE ENTRE 1992 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Obs. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991.

A participação percentual da indústria de transformação no emprego, conforme dados da RAIS, teve um incremento ao longo nos anos, passando de 8,40% em 1985 para 10,89% em 2004. Os dados da PNAD, que incluem os empregos formais e informais, no período entre 1992 e 2005 mostram que houve um aumento da participação da indústria de transformação no total de ocupados na região Centro-Oeste, saindo de 10,39% em 1992 para 12,82% em 2005.

Com relação ao setor de serviços, o emprego apresenta a seguinte situação: Se analisado somente o emprego formal, houve redução do total de empregos conforme dados da RAIS. Em 1985 era responsável por 85,22% da mão de obra empregada na região e em 2005 passa a representar 79,57%. Analisando o emprego formal e informal a partir dos dados do PNAD, constata-se que neste setor houve incremento da informalidade uma vez que em 1992 apresentava 53,40% da mão de obra ocupada e em 2005 é responsável por 58,72% dos empregos.

3.6 SUDESTE

A região Sudeste é a mais desenvolvida e industrializada do país. De acordo com Sabóia (2001), nela se concentra mais de 50% da produção nacional, só o Estado de São Paulo, com menos de 3% da área territorial brasileira, responde por um terço do PIB nacional. É na região Sudeste que está concentrada a maior parte da mão de obra ocupada do país, e as principais atividades industriais desta região são: siderurgia e metalurgia, petrolífera, e empresas relacionadas com alta tecnologia voltadas para as áreas de informática, telecomunicações, eletrônica.

Após um século de concentração industrial principalmente no estado de São Paulo e regiões metropolitanas, a participação da indústria de transformação tem caído de maneira significativa, porém, ainda assim consegue manter elevada sua participação no PIB industrial uma vez que a indústria baseia-se em setores tecnologicamente complexos, como o de edição, impressão, reprodução de gravações e na indústria química, e redução em segmentos da indústria tradicional, conforme VTI.

Em 1988 a indústria de transformação era responsável por 52,95% do PIB total e em 2005 passou a representar 38,20% do PIB brasileiro. O setor de serviços manteve-se estável desde a década de 80, oscilando pouco, cai por um período, porém recupera-se em seguida e em 2005 representou 55,96% do PIB, porém em anos anteriores registrou 61,28% de participação conforme gráfico 17.

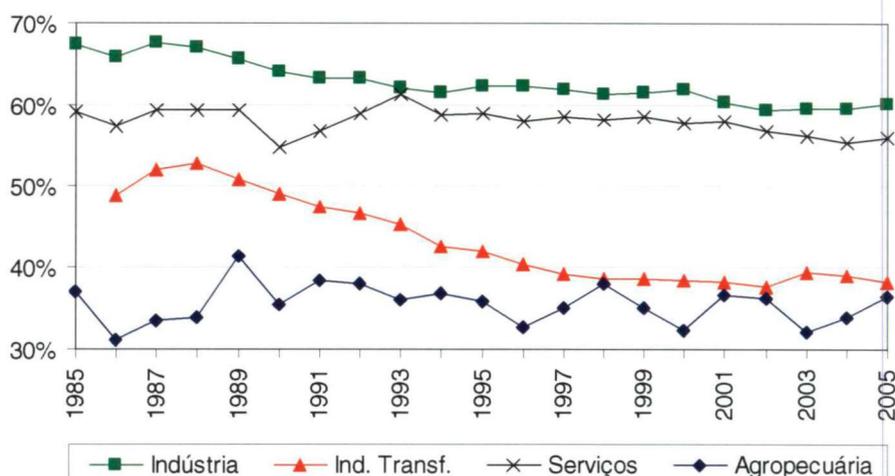


GRÁFICO 17 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, DA REGIÃO SUDESTE NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

De acordo com Sabóia (2001), ao longo das últimas décadas começou a ocorrer a desconcentração industrial do estado de São Paulo, que influe na desconcentração dos outros setores na região: serviços e agropecuária. Como decorrência, a participação do estado de São Paulo no valor agregado da indústria de transformação reduziu-se de 17,06% do total do PIB para 8,04%. Contribuiu para o processo de desconcentração industrial do estado de São Paulo para outras regiões a política de incentivos fiscais, proposta pelo governo. Conforme DINIZ (2002, p. 17), “O Brasil vem executando um conjunto de políticas de desenvolvimento regional. A peça central tem sido a manipulação de um conjunto de incentivos fiscais.”

A participação do PIB agropecuário foi muito representativa no PIB brasileiro, porém, com relação a economia na região sudeste, apresentou participação pequena em 1985 de 6,91% do valor agregado, e em 2005 apresenta apenas 3,04%. A indústria de igual forma apresenta queda significativa na região. Em 1985 era responsável por 48,93% do PIB regional, porém, em 2005 representou apenas 31,60%. A mudança estrutural ocorrida na região sudeste pode ser visualizada no gráfico 18.

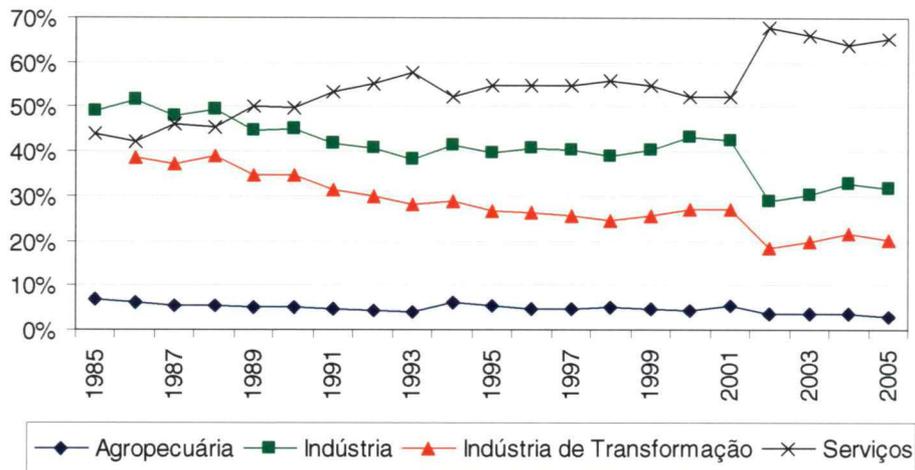


GRÁFICO 18 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO SUDESTE ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

A região Sudeste passou por um importante processo de mudança de trabalhadores do setor industrial para a agropecuária e serviços. Em 1985, de acordo com a RAIS, a mão-de-obra formal empregada na região Sudeste se distribuía da seguinte forma: 23,96% na indústria de transformação; 70,59% no setor de serviços, e 1,61% na agricultura. Em 2005 há diminuição na indústria de transformação que passa a representar 16,10% de trabalhadores do total, e elevação na quantidade de trabalhadores nos serviços para 77,87% e na agropecuária, 3,86%. Os gráficos 19 exemplifica os dados descritos.

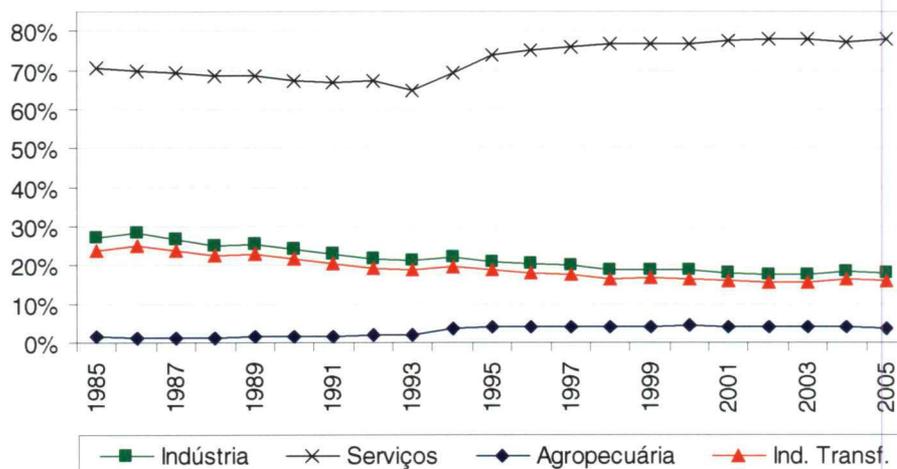


GRÁFICO 19 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO SUDESTE ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

Observando a evolução da participação do emprego que inclui os informais, referente à indústria e serviços nesta região, pode-se verificar a mesma tendência em relação à porcentagem de trabalhadores no emprego formal: transição da oferta de mão-de-obra da indústria para o setor serviços. Porém, em relação a agropecuária, o índice cai de 16,86% em 1992 para 10,36% em 2005 conforme gráfico 20.

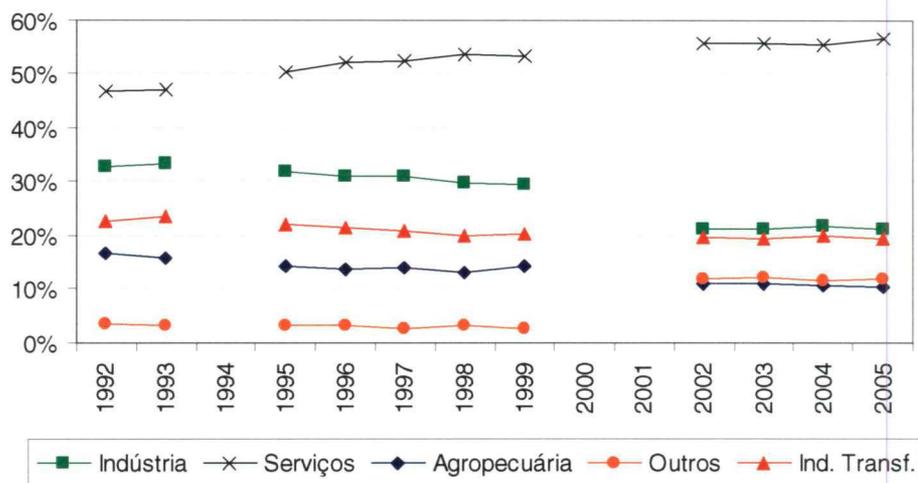


GRÁFICO 20 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO, INCLUINDO FORMAL E INFORMAL, DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO SUDESTE ENTRE 1992 A 2005

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Obs. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991.

A indústria do Estado de São Paulo continua líder no setor no País, mas perdeu espaço. O Estado reduziu a participação no total do pessoal ocupado na indústria nacional, o que mostra a expansão de investimentos industriais em outros Estados, além de fuga para regiões que possuem custos mais baratos para instalação de novos empreendimentos. A participação no total nacional é elevada exatamente em segmentos com maior densidade tecnológica.

De acordo com Diniz (2002), Minas Gerais foi um dos poucos estados que conseguiu manter sua participação relativa na produção industrial no período de concentração em São Paulo, graças à sua base de recursos minerais, e agiu como economia complementar ao grande centro industrial do país.

3.7 SUL

Situada na fronteira com Argentina, Paraguai e Uruguai, principais parceiros (a integração tem aberto oportunidades de investimentos entre os países) do Brasil no continente, o que se constata em relação a região Sul é que a mesma ampliou sua participação na produção industrial do país, e de acordo com Diniz (2002), a região Sul se transformou no 2º maior setor industrial do país, após a região Sudeste. Na região estão inseridos diferentes tipos de indústrias, no entanto, as atividades que mais predominam é a produção têxtil e alimentícia, essas utilizam como matéria-prima a produção agropecuária desenvolvida na região, que continua a desempenhar importante papel na economia do sul. O uso de técnicas modernas propicia boa produtividade às culturas agroindustriais.

A participação do valor adicionado das atividades relacionadas a agricultura na região Sul em relação ao Brasil, apresenta-se de maneira um pouco irregular; em 1985 era responsável por 29,15% do PIB, porém na mesma década há um incremento significativo, sendo responsável em 1989 por 37,26%. Já na década de 90 oscila, porém mantêm-se em 1999 em 31,12%, chegando em 2005, após algumas oscilações, a representar 28,52% do valor adicionado. Com relação a indústria, ao longo dos anos apresenta-se estável, em 1985 era responsável por 15,15% do PIB e em 2005, 17,84%, conforme dados apresentados no gráfico 21.

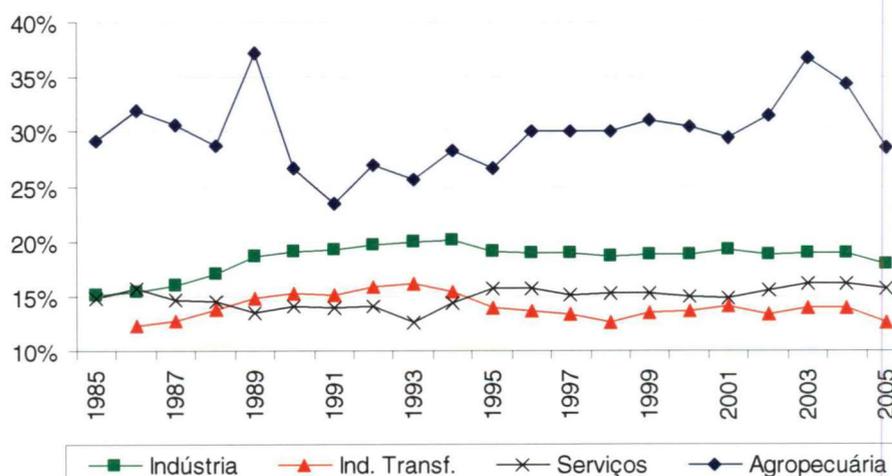


GRÁFICO 21 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, DA REGIÃO SUL NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

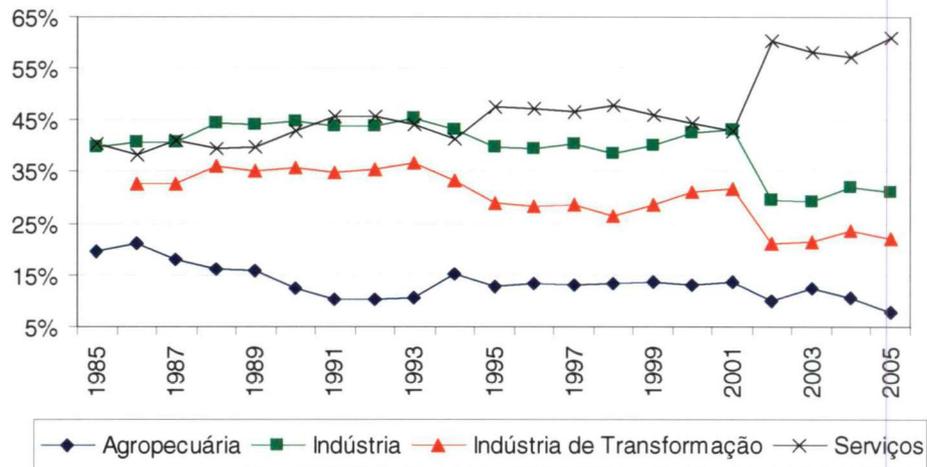


GRÁFICO 22 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO SUL ENTRE 1985 A 2005

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

O gráfico 23 mostra que a indústria de transformação que era responsável por 30,37% da mão-de-obra ocupada em 1985 perde trabalhadores para a agropecuária e para o setor de serviços.

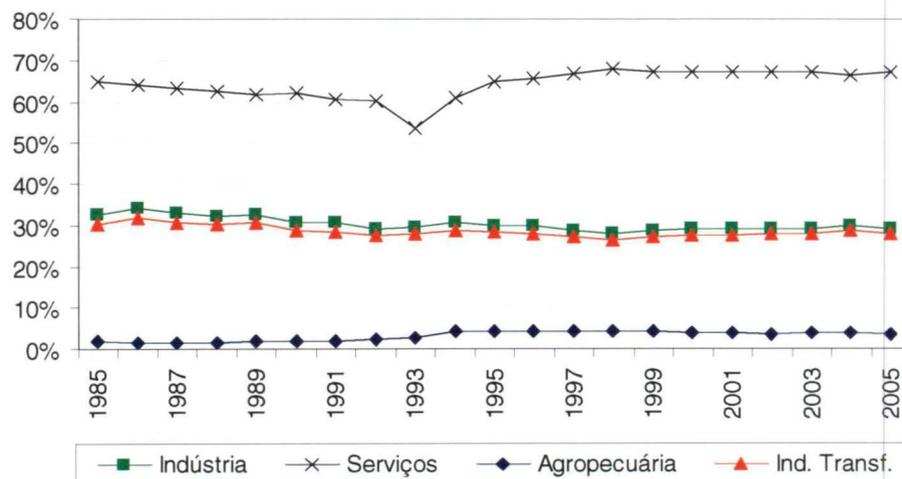


GRÁFICO 23 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO SUL ENTRE 1985 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

Se analisar o gráfico com relação ao emprego formal e informal, verifica-se que a indústria perde maior participação. Em 1992, 38,98% da mão-de-obra estava empregada na indústria, 43% no setor de serviços e 14,32% nas atividades agropecuárias. Em 2005 os índices se alteram para 31,33% na indústria; 52,37% nos serviços e 7,18% na agricultura, conforme gráfico 24.

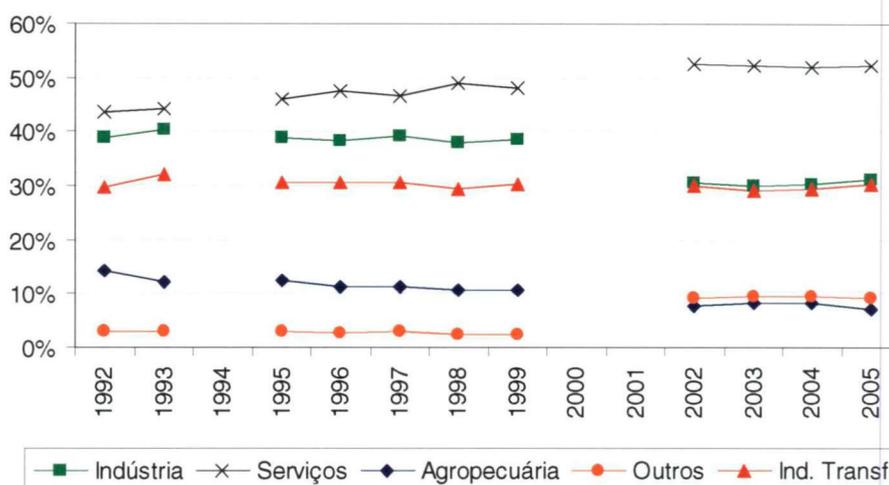


GRÁFICO 24 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO INFORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO SUL ENTRE 1992 A 2005

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991.

Considerando as atividades industriais e seu crescimento ao longo das últimas décadas, a região Sul pode ser separada da seguinte maneira de acordo com Sabóia (2001), o Rio Grande do Sul é responsável pela produção de grãos e seus efeitos sobre as agroindustriais processadoras de produtos agrícolas como a produção de máquinas. Equipamentos e insumos, além da produção de couro e calçados. O estado de Santa Catarina: indústria frigorífica e produção diversificada de têxteis, instrumentos musicais, motores e bens eletrônicos. Já o Paraná, com indústrias ligadas ao complexo da madeira e a cidade de Curitiba em específico com a indústria automobilística e componentes eletrônicos, atraídos por incentivos fiscais locais.

O fato da região Sul ser a segunda mais desenvolvida do país de acordo com Diniz (2002) e de ter boa infra-estrutura, além de receber inúmeros incentivos fiscais e de ser próximo dos países do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), fizeram desta região o destino de inúmeras empresas industriais, com os mais

distinto nível de desenvolvimento, inclusive os mais modernos da indústria de transformação – principalmente Paraná.

A região Sul continua como a principal beneficiária das transferências de trabalhadores vindos do Sudeste nos mais diversos seguimentos tanto nos modernos quanto tradicionais.

4 ANÁLISE DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO PELO VTI12 E VARIAÇÃO DO VALOR AGREGADO

Nos últimos anos, houve importantes transformações espaciais na localização da indústria. De acordo com Sabóia (2001), ocorreu o processo de desconcentração industrial do estado de São Paulo, que era responsável por mais de 50% da produção nacional. Este processo beneficiou alguns estados e regiões, os quais receberam novas empresas industriais e apresentaram forte crescimento do emprego. Após verificar no capítulo anterior as mudanças estruturais que ocorreram nas regiões brasileiras com ênfase na perda e ou aumento da participação da indústria de transformação, neste capítulo será analisada as mudanças nos segmentos que compõem este setor, a partir da análise do valor de transformação industrial, conforme tabela 1, e verificar as variações do PIB nas regiões.

TABELA 1 – PARTICIPAÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (VTI) NA INDÚSTRIA GERAL, COM INDICAÇÃO DO ÍNDICE DE MUDANÇA ESTRUTURAL, SEGUNDO ESTADOS E REGIÕES – 1996/2005 - CONTINUA

| Estados e Regiões | Participação do valor da transformação industrial na indústria geral | | | | | |
|---------------------|--|-------------|-------------|-----------------------------------|-----------|-----------|
| | 1996 | 2000 | 2005 | Diferença (em pontos percentuais) | | |
| | | | | 1996/2000 | 2000/2005 | 1996/2005 |
| BRASIL | 100 | 100 | 100 | 0 | 0 | 0 |
| NORTE | 4,5 | 4,7 | 5,8 | 0,2 | 1,1 | 1,3 |
| Acre | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Amazonas | 3,4 | 3,2 | 3,9 | -0,2 | 0,7 | 0,5 |
| Rondônia | 0,1 | 0,1 | 0,2 | 0 | 0,1 | 0,2 |
| Roraima | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Pará | 1 | 1,3 | 1,6 | 0,3 | 0,3 | 0,6 |
| Amapá | 0,1 | 0 | 0,1 | -0,1 | 0,1 | 0 |
| Tocantins | 0 | 0 | 0,1 | 0 | 0 | 0 |
| CENTRO-OESTE | 2,2 | 2,2 | 3,7 | 0 | 1,5 | 1,5 |
| Mato Grosso | 0,5 | 0,5 | 1,2 | 0 | 0,7 | 0,7 |
| Mato Grosso Sul | 0,4 | 0,3 | 0,5 | 0 | 0,2 | 0,2 |
| Goiás | 1,1 | 1,1 | 1,7 | 0 | 0,6 | 0,6 |
| Distrito Federal | 0,2 | 0,3 | 0,2 | 0 | -0,1 | -0,1 |
| SUL | 17,4 | 18,5 | 17,7 | 1,1 | -0,8 | 0,3 |
| Rio Grande Sul | 7,7 | 8,3 | 6,9 | 0,6 | -1,4 | -0,8 |
| Santa Catarina | 4,5 | 4,4 | 4,4 | -0,1 | 0 | 0 |
| Paraná | 5,2 | 5,8 | 6,3 | 0,6 | 0,5 | 1,1 |
| SUDESTE | 68,4 | 65,8 | 63,5 | -2,6 | -2,3 | -4,9 |
| São Paulo | 49,4 | 44,8 | 40,2 | -4,6 | -4,6 | -9,2 |
| Minas Gerais | 9 | 9,5 | 10,4 | 0,5 | 0,9 | 1,4 |

¹² VTI – Valor de transformação industrial. De acordo com o IEDI, VTI é a diferença entre valor bruto da produção industrial (soma de vendas, variação dos estoques e produção própria realizada para o ativo imobilizado) e o custo das operações industriais (custos ligados diretamente à produção).

| | | | | | | |
|--|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|
| Espírito Santo | 1,3 | 2 | 2,4 | 0,7 | 0,4 | 1,1 |
| Rio de Janeiro | 8,7 | 9,5 | 10,5 | 0,8 | 1 | 1,8 |
| NORDESTE | 7,5 | 8,9 | 9,3 | 1,4 | 0,4 | 1,8 |
| Maranhão | 0,3 | 0,4 | 0,4 | 0,1 | 0 | 0,1 |
| Piauí | 0,1 | 0,1 | 0,1 | 0 | 0 | 0 |
| Bahia | 2,7 | 4,1 | 4,7 | 1,4 | 0,6 | 2 |
| Sergipe | 0,2 | 0,4 | 0,5 | 0,2 | 0,1 | 0,3 |
| Alagoas | 0,7 | 0,5 | 0,4 | -0,2 | -0,1 | -0,3 |
| Pernambuco | 1,6 | 1,2 | 1,1 | -0,4 | -0,1 | -0,5 |
| Paraíba | 0,4 | 0,3 | 0,4 | -0,1 | 0,1 | 0 |
| Rio Grande Norte | 0,5 | 0,6 | 0,6 | 0,1 | 0 | 0,1 |
| Ceará | 1,1 | 1,3 | 1,1 | 0,2 | -0,2 | 0 |
| Índice de Mudança Estrutural¹³ | | | | 5,6 | 6,4 | 10,8 |

FONTE: IBGE – Pesquisa Industrial Anual (PIA¹⁴) – Empresas 1996/2005 – Elaboração própria.

TABELA 1 – PARTICIPAÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (VTI) NA INDÚSTRIA GERAL, COM INDICAÇÃO DO ÍNDICE DE MUDANÇA ESTRUTURAL, SEGUNDO ESTADOS E REGIÕES – 1996/2005 - CONTINUAÇÃO

4.1 NORTE

A estrutura industrial do Norte é marcada pela indústria amazonense, em que predominam as grandes empresas, basicamente do ramo de bens de consumo duráveis, o que explica a elevada produtividade neste estado.

O segmento referente a fabricação de produtos de madeira teve aumento no VTI no Acre, Roraima e Amapá e queda em Rondônia e Pará. A participação do segmento de alimentos e bebidas apresenta aumento em Rondônia e Tocantins, porém queda acentuada em Roraima, Pará e Amapá. Outros segmentos que apresentaram queda ao longo dos anos 1996 e 2005: edição, impressão e

¹³ De acordo com a metodologia da United Nations Industrial Development Organization – UNIDO, elaborada em 1997, a mudança estrutural é captada, entre um período (t) e (t-n), por um índice M referente ao total das atividades, assim definido: $M(t) = \{ \sum_i |(m_i(t) - m_i(t - n))| \} \div 2$, onde: i = cada atividade considerada; m_i = participação do total da variável em análise da atividade i no total das atividades; e (t) e (t - n) os períodos de tempo inicial e final. O IME pode assumir valores zero a 100; o valor zero significa que não houve nenhuma mudança estrutural, enquanto o valor 100 indica uma completa mudança da estrutura das atividades. Informações disponíveis no site do IBGE.

¹⁴ A PIA reúne informações econômico-financeiras sobre o setor industrial brasileiro, abrangendo, entre outros aspectos, dados sobre pessoal ocupado, salários, retiradas e outras remunerações, receitas, custos e despesas, consumo intermediário, valor da produção e da transformação industrial referentes às empresas de extração mineral e transformação, segundo as categorias de atividades definidas na Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE e/ou por detalhamento geográfico. Informações disponíveis no site do IBGE.

reprodução de gravações (Acre, Roraima e Amazonas); fabricação de celulose, papel e produtos de papel (Pará) e fabricação de produtos de minerais não metálicos (Roraima e Tocantins).

A região Norte apresentou ao longo dos anos 1985 a 2005 variações positivas no valor adicionado em quase todos os anos, em decorrência do aumento da participação da indústria, que cresceu 1,98 pontos percentuais no âmbito nacional, devido a existência das grandes projetos, como a SUFRAMA e SUDAM que incentivam o desenvolvimento. O emprego da região Norte está concentrado no setor serviços, e em relação ao emprego na indústria de transformação, permaneceu praticamente inalterado neste período. Em 1985 era responsável por 11,13% dos trabalhadores ocupados e em 2005 representou 11,34%.

4.2 NORDESTE

Em relação à Região Nordeste, houve aumento de sua participação no VTI nos seguintes segmentos industriais: fabricação de produtos alimentícios e bebidas (Piauí, Alagoas, Pernambuco), coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool (Bahia), fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias, artefatos de couro (Paraíba e Ceará), artigos de viagem e calçados, metalúrgica básica (Maranhão), artigos de vestuário e acessórios, este setor passou por (Rio Grande do Norte), fabricação de produtos químicos (Sergipe) e fabricação de produtos de minerais não metálicos (Piauí). Para esta região houve transferência de empresas da região Sudeste, em busca de mão de obra mais barata e vantagens fiscais. O sistema industrial está concentrado na Zona da Mata e tem pouca integração interna.

Houve queda do VTI na fabricação de produtos alimentícios e bebidas (Maranhão, Ceará, Bahia), crise que atingiu o segmento sucro-alcooleiro no período. Houve redução também nos segmentos: confecção de artigos do vestuário e acessórios, produtos químicos, preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados, produtos têxteis.

Ao analisar a variação do PIB na região Nordeste ao longo dos 1985 a 2005 verifica-se variação negativa na maioria dos anos, consequência do deslocamento

do emprego do setor da indústria para serviços e agropecuária. O PIB da indústria de transformação no âmbito nacional neste período também apresentou queda, representava 7,10% em 1986 e em 2005 chegou a 5,66%. Nesta região, de acordo com Diniz (2002), principalmente na Bahia, predominam as atividades relacionadas a agricultura (produção de grãos, frutas para a exportação, cultivo de hortifruti – laranja no Litoral Norte, especiarias no Recôncavo Sul; afirmação do papel e celulose no Extremo-Sul) que mesmo com crescimento da participação industrial de 1,5% para 4% não foi suficiente para alavancar o desempenho do PIB total da região.

4.3 CENTRO OESTE

Houve elevação significativa da participação do valor da transformação industrial na região Centro–Oeste entre 1996 e 2005 nos seguintes segmentos industriais: fabricação de produtos alimentares e bebidas, artigos do vestuário e acessórios, produtos químicos, metalúrgica básica e produtos de metal (exceto máquinas e equipamentos) e produtos de minerais não metálicos. A região Centro-Oeste apresentou, conforme já mencionado, crescimento do emprego industrial, e desponta com condições favoráveis para uma indústria que segue o deslocamento da fronteira agrícola. A região Centro-Oeste se beneficiou do processo de deslocamento regional do emprego, elevando sua parcela na maior parte dos segmentos industriais em especial naqueles que demandam mão de obra barata, de baixa escolaridade e/ou que dependem de matérias primas locais como é o caso da fabricação de produtos de minerais não metálicos e extrativa mineral. Entre os estados que tiveram crescimento no VTI, destaca-se o Mato Grosso, cuja participação na fabricação de produtos alimentícios e bebidas cresceu de forma considerável.

Nesta região houve redução dos seguintes segmentos industriais: Fabricação de produtos de madeira (Mato Grosso), fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) e no Distrito Federal houve queda acentuada na edição, impressão e reprodução de gravações.

Ao analisar a variação percentual do PIB nesta região ao longo dos anos 1985 a 2005, percebe-se que em quase todos os anos houve crescimento do valor agregado que está relacionado ao desempenho da indústria de transformação que apresentou ganho tanto no âmbito regional quanto no nacional. Entre as regiões analisadas, a região Centro-Oeste foi a que apresentou maiores variações positivas no valor adicionado indicando que esta região têm se beneficiado do deslocamento industrial, tanto em valor adicionado quanto no emprego.

4.4 SUDESTE

A região Sudeste apresenta, de acordo com análise do VTI, aumento da participação da metalurgia básica nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, destaque para a fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool. No Espírito Santo e no Rio de Janeiro, houve redução da fabricação de produtos alimentícios e bebidas, assim como redução da fabricação de produtos químicos e edição, impressão e reprodução de gravações. A indústria do Rio de Janeiro e de São Paulo vem passando pelo processo de desindustrialização, e forte processo de mudanças tecnológicas e organizacionais, reduzindo o nível de emprego.

A desconcentração do pessoal ocupado nas indústrias do Sudeste foi responsável pelas perdas de participação do Rio de Janeiro e São Paulo, em quase todos os segmentos da indústria de transformação.

Na região Sudeste, mesmo com a indústria de transformação apresentando queda de 13,83 pontos percentuais no PIB entre os anos 1985 à 2005, e o emprego neste setor registrando queda de 7,38 pontos percentuais, a variação do PIB ao longo deste período oscilou pouco, entre -1,81% e 2,53%, o que pode-se concluir que a participação de outros segmentos da indústria, como os baseados em tecnologia, assim como a participação da agricultura e setor de serviços impedem que o PIB desta região apresente queda.

4.4.1 Perda da participação da região Sudeste

Segundo o IBGE, a região Sudeste perdeu valor da transformação industrial que em 1996 representava 68,4% no total do país para 63,5% em 2005, puxada exclusivamente por São Paulo, o único estado da região a perder neste quesito, passando de uma participação no VTI nacional de 49,4% para 40,2%. Em sentido oposto, as unidades da federação que lideraram os ganhos de participação, foram: Bahia (refino de petróleo e produção de álcool e veículos), Paraná (refino de petróleo e produção de álcool) Mato Grosso (alimentos e bebidas), Rondônia (alimentos e bebidas), Pará (metalúrgica básica), Amapá (madeira) e Alagoas (alimentos e bebidas). A perda da indústria paulista foi puxada pelas atividades têxtil e de vestuário e acessórios, enquanto no Rio de Janeiro teve impacto, sobretudo, do segmento de alimentos e químicos.

Analisando também no que diz respeito ao VTI, as demais regiões ganharam peso no período: Norte (4,5% para 5,8%), Centro-Oeste (2,2% para 3,7%), Sul (17,4% para 17,7%) e Nordeste (7,5% para 9,3%).

4.5 SUL

Enquanto no Rio Grande do Sul e no Paraná a participação de produtos alimentícios e bebidas apresenta queda entre os anos de 1996 e 2005, na região de Santa Catarina há elevação deste segmento industrial. Além deste setor, há incremento na produção de produtos do fumo (Rio Grande do Sul), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (Santa Catarina), fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e a produção de álcool; fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias. Pode-se afirmar que a principal mudança ocorrida no emprego industrial verificada na década de 90 foi a redução na importância da região Sudeste e o crescimento da região Sul. Esta redução foi ocasionada não apenas pela forte queda do emprego no principal pólo industrial do país (São Paulo), mas também no Rio de Janeiro. Para a região Sul, foi

dirigida importante parcela do emprego perdido pela primeira, tanto nos setores mais modernos quanto nos mais tradicionais.

De acordo com Sabóia (2001), a região Sul é a 2º mais desenvolvida do país, com boa estrutura, participando intensamente da guerra fiscal, além de sua proximidade dos países do MERCOSUL, fizeram desta região o destino de inúmeras empresas industriais que para esta região se dirigiam, especialmente para o Paraná. Diferente das demais regiões, a região Sul atraiu empresas de setores com os mais distintos níveis de desenvolvimento, inclusive os mais modernos da indústria de transformação.

Na região Sul, a variação do PIB entre os anos 1985 a 2005 apresentou pequenas oscilações, nos anos em que era positiva, a variação do PIB na indústria de transformação se comportava de forma semelhante, e quando apresentava variação negativa, em apenas alguns anos a variação do PIB da indústria de transformação apresentou queda. Neste período houve redução do emprego no setor da indústria, transferido para o setor agropecuário e serviços.

4.6 ANÁLISE POR SEGMENTO INDUSTRIAL

4.6.1 Participação do pessoal ocupado total na indústria

Segundo a Pesquisa Industrial Anual (PIA), divulgada pelo IBGE, de 1996 a 2005, as principais transformações no perfil estrutural da indústria, em termos da distribuição do pessoal ocupado total, foram: alimentos (elevou a sua participação no total de pessoas ocupadas na indústria geral de 15,8%, em 1996, para 18,5%, em 2005), com ganho de importância principalmente dentro da indústria de Minas Gerais, Paraná e Goiás; calçados e artigos de couro (5,4% em 1996 para 6,1% em 2005), que embora perca participação na indústria do Rio Grande do Sul cresce em representatividade no Ceará e na Bahia; e outros equipamentos de transporte (0,8% para 1,4%), sobressaindo os seus ganhos na indústria do Amazonas e Rio de Janeiro.

Nesse mesmo período, as principais diminuições de participação no pessoal ocupado total da indústria foram observadas nos segmentos: edição e impressão (3,8% para 3,1%), refino de petróleo e produção de álcool (2,6% para 1,5%), com destaque para as perdas em Mato Grosso e Paraná, têxtil (reduziu a fatia no total de empregados do setor de 5,8% para 4,2% no período), com predominância de São Paulo como principal local com queda de participação desta atividade. Mesmo com queda na participação no emprego, o segmento de refino de petróleo e produção de álcool foi líder no aumento do valor da transformação industrial no período, conforme já citado.

TABELA 2 – PARTICIPAÇÃO DO PESSOAL OCUPADO TOTAL NA INDÚSTRIA, COM ÍNDICE DE MUDANÇA ESTRUTURAL, SEGUNDO ESTADOS E REGIÕES – 1996/2005

| Estados e Regiões | Participação do pessoal ocupado total na indústria geral | | | | | |
|-------------------------------------|--|-------------|-------------|-----------------------------------|-------------|-------------|
| | 1996 | 2000 | 2005 | Diferença (em pontos percentuais) | | |
| | | | | 1996/2000 | 2000/2005 | 1996/2005 |
| BRASIL | 100 | 100 | 100 | 0 | 0 | 0 |
| NORTE | 2,7 | 3 | 3,6 | 0,3 | 0,6 | 0,9 |
| Acre | 0 | 0,1 | 0,1 | 0,1 | 0 | 0,1 |
| Amazonas | 1,2 | 1,1 | 1,5 | -0,1 | 0,4 | 0,3 |
| Rondonia | 0,3 | 0,4 | 0,4 | 0,1 | 0 | 0,1 |
| Roraima | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Pará | 1 | 1,3 | 1,4 | 0,3 | 0,1 | 0,4 |
| Amapá | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Tocantins | 0,1 | 0,1 | 0,1 | 0 | 0 | 0 |
| CENTRO-OESTE | 3,1 | 4,1 | 4,5 | 1 | 0,4 | 1,4 |
| Mato Grosso | 0,7 | 1,2 | 1,1 | 0,5 | -0,1 | 0,4 |
| Mato Grosso Sul | 0,5 | 0,7 | 0,8 | 0,2 | 0,1 | 0,3 |
| Goias | 1,6 | 1,9 | 2,2 | 0,3 | 0,3 | 0,6 |
| Distrito Federal | 0,3 | 0,3 | 0,4 | 0 | 0,1 | 0,1 |
| SUL | 22,5 | 24,4 | 25,2 | 1,9 | 0,8 | 2,7 |
| Rio Grande Sul | 9,6 | 10,4 | 9,6 | 0,8 | -0,8 | 0 |
| Santa Catarina | 6,7 | 7,2 | 8 | 0,5 | 0,8 | 1,3 |
| Paraná | 6,2 | 6,7 | 7,6 | 0,5 | 0,9 | 1,4 |
| SUDESTE | 61,2 | 57,2 | 54,3 | -4 | -2,9 | -6,9 |
| São Paulo | 42 | 38,5 | 36,4 | -3,5 | -2,1 | -5,6 |
| Minas Gerais | 10 | 10,5 | 10,6 | 0,5 | 0,1 | 0,6 |
| Espírito Santo | 1,4 | 1,5 | 1,6 | 0,1 | 0,1 | 0,2 |
| Rio de Janeiro | 7,9 | 6,7 | 5,7 | -1,2 | -1 | -2,2 |
| NORDESTE | 10,5 | 11,4 | 12,4 | 0,9 | 1 | 1,9 |
| Maranhão | 0,4 | 0,4 | 0,4 | 0 | 0 | 0 |
| Piauí | 0,3 | 0,3 | 0,3 | 0 | 0 | 0 |
| Bahia | 2 | 2,2 | 2,7 | 0,2 | 0,5 | 0,7 |
| Sergipe | 0,4 | 0,5 | 0,5 | 0,1 | 0 | 0,1 |
| Alagoas | 1,2 | 1,1 | 1,5 | -0,1 | 0,4 | 0,3 |
| Pernambuco | 2,5 | 2,5 | 2,6 | 0 | 0,1 | 0,1 |
| Paraíba | 0,8 | 0,8 | 0,8 | 0 | 0 | 0 |
| Rio Grande Norte | 0,8 | 0,9 | 0,9 | 0,1 | 0 | 0,1 |
| Ceará | 2,2 | 2,7 | 2,7 | 0,5 | 0 | 0,5 |
| Índice de Mudança Estrutural | | | | 4,9 | 4 | 7,7 |

FONTE: IBGE – Pesquisa Industrial Anual (PIA)– Empresas 1996/2005 – Elaboração própria.

Analisando a participação do pessoal ocupado total na indústria, a região Sudeste foi a única que perdeu participação, de 61,2% para 54,3%, sendo São Paulo e Rio de Janeiro os únicos estados a perder participação, de 42% para 36,4% e de 7,9% para 5,7% respectivamente. As demais regiões ganharam, no período, participação no número de ocupados: Norte (de 2,7% para 3,6%); Centro-Oeste (3,1% para 4,5%), Sul (22,5% para 25,2%) e Nordeste (10,5% para 12,4%), conforme Tabela 2.

4.6.2 Participação do valor da transformação industrial

Entre os setores com ganhos relevantes de participação no VTI, entre 1996 e 2005, destacam-se: refino de petróleo e produção de álcool, que aumentou sua importância, principalmente, dentro da indústria da Bahia, Ceará, Paraná e Rio de Janeiro metalurgia básica, cuja representatividade cresceu, sobretudo, no Maranhão Espírito Santo, Minas Gerais e Pará; outros equipamentos de transporte, sobressaindo o ganho na indústria do Amazonas, fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias, no Paraná, produtos alimentícios e bebidas, com destaque para o maior dinamismo desse setor no Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Rondônia, Piauí, Alagoas, fabricação de produtos de madeira, no Acre, Roraima e Amapá.

Por outro lado, no mesmo período, as principais perdas de participação no VTI total da indústria foram observadas em: edição e impressão, diminuição de importância observada no Rio de Janeiro, Distrito Federal, Acre, Roraima; têxtil, onde prevalece a perda de participação dentro das indústrias do Ceará, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e Sergipe; máquinas e equipamentos, com menor participação desse ramo em Santa Catarina e Distrito Federal; material eletrônico e aparelhos e equipamentos de comunicações, com destaque para a perda de participação dentro da indústria do Amazonas; alimentos e bebidas no Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Roraima, Amapá, Bahia e Ceará; produtos químicos sobressaindo perda no Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas e produtos de madeira no Mato Grosso e Rondônia.

De fato, os dados da PIA (Pesquisa Industrial Anual do IBGE) 2005 mostram que setores intensivos em recursos naturais mantêm representatividade na participação da indústria devido a grande valorização recente dos preços das commodities ao elevar os ganhos dos setores produtivos associados a esses bens. Em 1996 cinco setores industriais respondiam por mais da metade (51,8%) do valor de transformação industrial gerado pela indústria: Fabricação de produtos alimentícios e bebidas (17,2%), Fabricação de produtos químicos (12,7%), Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias (8,1%), Fabricação de coque, refino de petróleo e produção de álcool (7,0%) e Fabricação de máquinas e equipamentos (6,8%). Já em 2005, mais da metade da produção industrial (50,3%) se concentrou em apenas quatro setores, sendo que três estão diretamente associados ao processamento de recursos naturais: Fabricação de coque, refino de petróleo e produção de álcool (16,3%), Fabricação de produtos alimentícios e bebidas (16,0%), Metalúrgica básica (7,9%) e Fabricação de produtos químicos (9,9%). O aumento da participação na estrutura industrial do segmento de refino de petróleo e produção de álcool, que entre 1996 e 2005 mais do que dobrou, passando de 7% para 16,3%, mostra a importância cada vez maior deste setor em função principalmente de fatores como a realização de políticas promovidas, como as de investimento com propósito de assegurar a auto-suficiência de produção e diversificação energética realizadas por exemplo, pela Petrobrás, e pela descoberta de grandes reservas de petróleo no litoral brasileiro e o desenvolvimento do álcool como fonte energética alternativa, a médio e longo prazo a indústria brasileira tende a ampliar ainda mais a participação de setores produtores de combustíveis e derivados de acordo com estudos do IEDI.

Os setores que nitidamente são intensivos em tecnologia e ciência – Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática e Fabricação de outros equipamentos de transporte, onde está a indústria aeronáutica – mantêm peso muito pequeno na estrutura produtiva da indústria brasileira, de 0,6% e 1,9% em 2005, respectivamente.

5 CONCLUSÃO

No Brasil, observou-se uma tendência que representa um aumento relativo da participação do setor de serviços no produto agregado e uma redução relativa na indústria, especialmente a de transformação, e da agropecuária.

Os dados recentes do produto e do emprego regional mostram que a localização da produção no Brasil, embora ainda seja bastante concentrada, na região Sudeste, está gradualmente se dispersando no espaço nacional. Uma possível explicação para este fenômeno são os inúmeros incentivos fiscais proporcionados para as outras regiões, como é o caso da região Norte através da criação da Sudam e Suframa que favoreceram o aumento da participação da indústria no valor adicionado do país. De igual forma a região Centro Oeste, devido principalmente aos efeitos da expansão da fronteira agrícola e do aproveitamento dos recursos minerais, vem apresentando crescimento da indústria tanto no valor adicionado quanto no emprego. Já a região Nordeste, mesmo com a iniciativa de projetos, com o intuito de atrair indústrias, apresentou queda da indústria de transformação entre 1985 a 2005. A Região Sudeste que concentra a maior parte da produção industrial do país tem apresentado queda acentuada da indústria, principalmente em segmentos da indústria tradicional, porém, ainda mantém sua participação nos setores tecnologicamente mais complexos. A Região Sul apresenta comportamento igual ao verificado nas regiões Centro Oeste e Norte: aumento da participação da indústria e emprego, uma vez que a região possui boa estrutura, tem atraído inúmeras empresas industriais, com os mais distintos níveis de desenvolvimento.

A região Sudeste é a que perde maior participação em relação as outras regiões, e por concentrar a maior parte da mão de obra ocupada e ser responsável por 50% da produção nacional, sua queda de participação no PIB e no emprego afeta o crescimento econômico do país.

No período 1996-2005, dos 24 setores industriais, apenas sete ganharam peso. Essa concentração ocorreu devido ao aumento significativo na participação de setores produtores de commodities, como de fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool, metalurgia básica e indústrias extrativas.

Uma avaliação geral do estudo indica que o quadro de transformações na estrutura produtiva da indústria brasileira preocupa, na medida em que cada vez mais a indústria do país se especializa na produção de commodities, enquanto setores importantes do ponto de vista tecnológico apenas mantêm espaço.

O futuro da indústria depende do comportamento de variáveis como o investimento produtivo e da produtividade que permitem ampliar a produção. No Brasil, de acordo com estudos do IEDI¹⁵, o investimento produtivo está concentrado em poucos setores e a taxa de investimento em média é baixa. A concentração do investimento no período recente se verifica em setores ligados à produção de commodities e de baixa intensidade tecnológica. O crescimento da indústria gera empregos e um dinamismo neste setor é essencial para estimular o crescimento e desenvolvimento econômico de um país, mas este crescimento para ser representativo é necessário estar concentrado em segmentos que alta produtividade, porém, não é o que têm ocorrido no Brasil.

¹⁵ Carta IEDI nº 326 – A Evolução da Estrutura Industrial (2008)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J., SÁ, M. **Indústria: am jogo ainda a ser jogado**. Texto de discussão. Disponível em: <http://www.desempregozero.org.br/artigos/carta_iedi.php>. Acesso em 26/04/2008.

BONELLI, R. **Industrialização e Desenvolvimento: Notas e conjecturas com foco na experiência do Brasil**. São Paulo: IEDI, 2005.

BONELLI, R. ; PINHEIRO, A. C. **Desempenho econômico e dinâmica industrial no Brasil**. Revista **Futuro da Indústria**. Disponível em: <http://www2.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sti/publicacoes/futAmaDilOportunidade/futIndustria_03.pdf >. Acesso em 01/05/2008.

CAIADO, A. S. C. **Reestruturação Produtiva e Localização Industrial: Economia Regional e Economia Agrícola**. Revista da Anpec. Disponível <<http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A114.pdf>>. Acesso em 01/09/2008.

CRUZ, M. NAKABASHI, L. PORCILE E SCATOLIN, F. **Uma Análise do Impacto da Composição Ocupacional sobre o Crescimento da Economia Brasileira (2007)**. Apresentado no XXXV Encontro Nacional de Economia da ANPEC. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2007/artigos/A07A052.pdf>> Acesso em 25/04/2008.

CRUZ, M. NAKABASHI, L. PORCILE E SCATOLIN, F. **Uma Análise do Emprego Formal nos Setores Industrial e de Serviços Brasileiros**. Revista **Economia e Tecnologia**. Ano 03. vol. 09. Abr/Jun. de 2007.

DINIZ, C.C. **A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e suas Perspectivas**. (2002). Texto para Discussão 875 do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

FEIJÓ, C. A.; CARVALHO, P.G.M.; RODRIGUEZ,M.S. (2003). **Concentração Industrial e Produtividade do Trabalho na Indústria de Transformação nos anos 90: Evidências Empíricas**. **Economia: Revista da Anpec**, vol. 4. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n1p19_52.pdf> Acesso em 18/05/2008.

FEIJÓ, C. A. CARVALHO, P.G.M.; ALMEIDA, J.S.G. (2005). **Ocorreu uma desindustrialização no Brasil? Texto de discussão**. Disponível em: <http://www.iedi.org.br/admin_ori/pdf/20051129_desindustrializacao.pdf> Acesso em 02/05/2008.

FOCHEZATTO, A. **Estrutura Produtiva e Performance Econômica das Economias Estaduais Brasileiras na Década de Noventa**. Disponível em <www.ufrgs.br/fce/rae/edicoes_antteriores/pdf_edicao42/artigo08.pdf> Acesso em 12/10/2008.

FURTADO, C. **Desindustrialização precoce: futuro ou presente do Brasil?** Entrevista à RICUPERO, R. Disponível em <http://centrocelsofurtado.com/adm/enviadas/doc/17_20070610144001pdf>. Acesso em 01/05/2008.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA - Carta IEDI n. 326 - **A Evolução da Estrutura Industrial**. Agosto de 2008. Disponível em: www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=3775&sid=20 Acesso em 15/09/2008.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA - Carta IEDI n. Carta IEDI n. 166 - **Para Onde Vai A Indústria Brasileira?**. Julho de 2005. Disponível em: <http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=1374&sid=20> Acesso em 01/09/2008.

KALDOR, N. **Economic growth and the Verdoorn Law**. Economic Journal, Cambridge, vol.85, p. 891-896. (1975).

LIMA, P. **Economia do Nordeste: Tendências recentes das áreas dinâmicas**. Análise Econômica Ano 12 Set. 2004. Disponível em: http://www.ufrgs.br/fce/rae/edicoes_antteriores/pdf_94/POL-LIM.pdf. Acesso em 27/08/2008.

LOCATELLI, R. L. **Industrialização, Crescimento e Emprego: Uma avaliação da Experiência Brasileira**. Rio de Janeiro, IPEA/ INPES, 1985.

MARINHO, E.; NOGUEIRA, C.; ROSA, A. **As Evidências Empíricas da Lei de Kaldor –Verdoorn para a indústria de transformação do Brasil (1985-1997)**, Revista Brasileira de Economia. vol. 56 nº 3 Rio de Janeiro, July/sept 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=scriptsci_arttext&tlng=em> Acesso em: 15/04/2008.

PALMA, J. G. **Quatro Fontes de Desindustrialização e um Novo Conceito de Doença Holandesa**. Conferência de Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento organizada pela FIESP e IEDI. Ag./2005.

SABÓIA, J. (2001) **Descentralização Industrial No Brasil na Década de Noventa: Um processo Dinâmico e Diferenciado Regionalmente**. Artigo apresentado no XXX ANPEC, Salvador, dez/2001. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200104317.pdf>> Acesso em 08/09/2008.

THIRLWALL, A.P (1983) **A plain man's guide to Kaldor's growth law**. Journal Of Post Keynesian Economics, New York, v.5, n3.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, diversos autores. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em 20/06/2008.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS. Ministério do Trabalho e do Emprego, diversos autores. Disponível em: <www.mte.gov.br> Acesso em 16/07/2008.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA – SIDRA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, diversos autores. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em 02/08/2008.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEADATA, diversos autores. Disponível em: <www.ipeadata.gov.br> Acesso em 01/06/2008.

ANEXOS

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 1 - PARTICIPAÇÕES PERCENTUAIS DOS TRÊS MACRO-SETORES NO PIB (% A PREÇOS DE 1949) PARTICIPAÇÕES % NO PIB A PREÇOS CONSTANTES 1900-2005

| | Agricultura | Indústria | Serviços |
|------|-------------|-----------|----------|
| 1900 | 44,6 | 11,6 | 43,8 |
| 1910 | 39,7 | 13,1 | 47,2 |
| 1920 | 38,1 | 15,7 | 46,2 |
| 1930 | 35,8 | 14,8 | 49,4 |
| 1940 | 29,4 | 18,7 | 51,8 |
| 1950 | 22,4 | 25,6 | 51,9 |
| 1960 | 16,9 | 29,8 | 53,2 |
| 1970 | 14,3 | 32,5 | 53,2 |
| 1980 | 9,8 | 34,3 | 55,9 |
| 1990 | 10,5 | 30,0 | 59,5 |
| 2000 | 11,0 | 27,7 | 61,2 |
| 2005 | 4,7 | 29,6 | 65,7 |

FONTE: (BONELLI, 2005). Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 3 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NO ÂMBITO NACIONAL ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Ind. Transf. | Serviços | Agropecuária |
|------|-----------|--------------|----------|--------------|
| 1985 | 43,79% | - | 44,98% | 11,23% |
| 1986 | 45,85% | 33,15% | 42,64% | 11,52% |
| 1987 | 42,95% | 32,28% | 47,13% | 9,92% |
| 1988 | 44,35% | 34,08% | 46,11% | 9,54% |
| 1989 | 41,35% | 31,41% | 51,15% | 7,50% |
| 1990 | 40,10% | 30,15% | 51,92% | 7,97% |
| 1991 | 38,18% | 28,09% | 54,53% | 7,30% |
| 1992 | 38,06% | 27,84% | 55,35% | 6,59% |
| 1993 | 36,98% | 26,70% | 56,38% | 6,64% |
| 1994 | 38,89% | 26,59% | 51,38% | 9,74% |
| 1995 | 37,20% | 24,51% | 54,27% | 8,53% |
| 1996 | 37,50% | 24,09% | 54,38% | 8,12% |
| 1997 | 37,81% | 23,48% | 54,51% | 7,68% |
| 1998 | 36,73% | 22,55% | 55,34% | 7,93% |
| 1999 | 38,04% | 23,81% | 54,10% | 7,86% |
| 2000 | 40,26% | 25,21% | 52,25% | 7,49% |
| 2001 | 40,21% | 25,49% | 51,47% | 8,32% |
| 2002 | 27,37% | 17,05% | 67,12% | 5,51% |
| 2003 | 28,21% | 18,25% | 65,62% | 6,16% |
| 2004 | 30,54% | 19,49% | 63,85% | 5,61% |
| 2005 | 29,59% | 18,29% | 65,72% | 4,69% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 4 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES EM RELAÇÃO AO EMPREGO TOTAL NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Ind. Transf. | Serviços | Agropecuária |
|------|-----------|--------------|----------|--------------|
| 1985 | 27,64% | 25,44% | 67,96% | 1,63% |
| 1986 | 29,07% | 27,06% | 67,01% | 1,46% |
| 1987 | 27,85% | 25,81% | 67,90% | 1,34% |
| 1988 | 26,71% | 24,81% | 67,53% | 1,28% |
| 1989 | 27,02% | 25,12% | 66,16% | 1,58% |
| 1990 | 25,51% | 23,55% | 65,35% | 1,61% |
| 1991 | 24,12% | 22,19% | 64,46% | 1,59% |
| 1992 | 23,11% | 21,16% | 64,15% | 2,12% |
| 1993 | 22,44% | 20,60% | 61,71% | 2,19% |
| 1994 | 23,68% | 21,37% | 67,01% | 4,23% |
| 1995 | 22,67% | 20,62% | 72,01% | 4,24% |
| 1996 | 22,12% | 20,13% | 73,32% | 4,17% |
| 1997 | 21,33% | 19,51% | 74,40% | 4,14% |
| 1998 | 19,98% | 18,28% | 75,85% | 4,13% |
| 1999 | 20,06% | 18,42% | 75,79% | 4,14% |
| 2000 | 20,15% | 18,63% | 75,75% | 4,09% |
| 2001 | 19,83% | 18,30% | 76,18% | 3,99% |
| 2002 | 19,67% | 18,16% | 76,36% | 3,97% |
| 2003 | 19,62% | 18,13% | 76,28% | 4,09% |
| 2004 | 20,36% | 18,87% | 75,48% | 4,16% |
| 2005 | 19,93% | 18,45% | 76,13% | 3,94% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 5 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, DA REGIÃO NORTE NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Ind. Transf. | Serviços | Agropecuária |
|------|-----------|--------------|----------|--------------|
| 1985 | 3,42% | - | 3,25% | 5,83% |
| 1986 | 4,11% | 2,75% | 3,69% | 7,67% |
| 1987 | 4,03% | 2,68% | 3,33% | 7,96% |
| 1988 | 3,95% | 2,57% | 3,34% | 8,00% |
| 1989 | 4,11% | 2,85% | 3,18% | 13,55% |
| 1990 | 4,10% | 2,90% | 4,04% | 11,49% |
| 1991 | 4,02% | 2,67% | 4,05% | 10,63% |
| 1992 | 3,76% | 2,41% | 3,39% | 8,62% |
| 1993 | 4,57% | 3,08% | 3,20% | 14,91% |
| 1994 | 4,53% | 2,88% | 4,30% | 8,82% |
| 1995 | 4,64% | 2,89% | 3,88% | 8,55% |
| 1996 | 4,64% | 2,93% | 4,10% | 7,60% |
| 1997 | 4,13% | 2,42% | 4,10% | 7,05% |
| 1998 | 4,44% | 2,62% | 4,13% | 7,01% |
| 1999 | 4,22% | 2,48% | 4,15% | 7,93% |
| 2000 | 4,49% | 2,73% | 4,26% | 7,71% |
| 2001 | 5,01% | 3,01% | 4,10% | 7,24% |
| 2002 | 5,25% | 2,96% | 4,24% | 10,72% |
| 2003 | 5,20% | 2,96% | 4,34% | 10,32% |
| 2004 | 5,34% | 2,94% | 4,64% | 9,93% |
| 2005 | 5,40% | 2,98% | 4,58% | 11,64% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 6 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO NORTE ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Agropecuária | Indústria | Ind. Transf. | Serviços |
|------|--------------|-----------|--------------|----------|
| 1985 | 17,04% | 38,80% | - | 44,16% |
| 1986 | 16,63% | 40,33% | 23,54% | 43,05% |
| 1987 | 15,78% | 35,90% | 22,78% | 48,32% |
| 1988 | 16,24% | 35,73% | 23,10% | 48,02% |
| 1989 | - | 41,49% | 27,36% | 58,51% |
| 1990 | 11,96% | 33,40% | 21,34% | 54,64% |
| 1991 | 10,36% | 32,25% | 19,94% | 57,39% |
| 1992 | 10,13% | 33,59% | 20,66% | 56,28% |
| 1993 | 8,29% | 34,73% | 19,66% | 56,98% |
| 1994 | 13,18% | 34,21% | 18,42% | 52,61% |
| 1995 | 12,81% | 31,86% | 16,79% | 55,33% |
| 1996 | 12,31% | 31,27% | 16,42% | 56,42% |
| 1997 | 10,40% | 33,96% | 16,30% | 55,63% |
| 1998 | 8,96% | 34,59% | 16,62% | 56,45% |
| 1999 | 8,79% | 35,74% | 18,61% | 55,48% |
| 2000 | 9,44% | 35,55% | 19,21% | 55,01% |
| 2001 | 9,17% | 36,79% | 19,72% | 54,04% |
| 2002 | 8,77% | 24,46% | 12,34% | 66,77% |
| 2003 | 9,64% | 24,72% | 13,06% | 65,64% |
| 2004 | 9,22% | 26,01% | 12,80% | 64,78% |
| 2005 | 8,09% | 25,87% | 12,42% | 66,04% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 7 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO NORTE ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------------|
| 1985 | 16,28% | 82,19% | 0,58% | 11,13% |
| 1986 | 18,11% | 80,38% | 0,85% | 13,10% |
| 1987 | 15,90% | 81,44% | 0,73% | 11,35% |
| 1988 | 15,21% | 82,00% | 0,55% | 10,90% |
| 1989 | 14,50% | 76,65% | 0,97% | 12,37% |
| 1990 | 13,98% | 75,76% | 1,03% | 11,48% |
| 1991 | 12,31% | 74,56% | 1,04% | 10,21% |
| 1992 | 12,57% | 68,59% | 0,97% | 9,94% |
| 1993 | 9,86% | 69,25% | 0,88% | 8,83% |
| 1994 | 17,00% | 66,16% | 1,76% | 10,53% |
| 1995 | 15,56% | 80,27% | 2,19% | 10,57% |
| 1996 | 14,68% | 82,26% | 2,13% | 11,25% |
| 1997 | 11,24% | 86,38% | 2,13% | 10,99% |
| 1998 | 10,36% | 87,39% | 2,11% | 10,02% |
| 1999 | 13,08% | 84,98% | 1,93% | 10,26% |
| 2000 | 13,35% | 84,65% | 2,00% | 11,12% |
| 2001 | 10,79% | 87,08% | 2,13% | 10,63% |
| 2002 | 10,92% | 86,87% | 2,20% | 10,70% |
| 2003 | 11,04% | 86,13% | 2,83% | 10,80% |
| 2004 | 12,03% | 84,75% | 3,22% | 11,79% |
| 2005 | 11,59% | 85,31% | 3,10% | 11,34% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam Variações expressivas neste período.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 8 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO, INCLUINDO FORMAL E INFORMAL, DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO NORTE ENTRE 1992 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Outros | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------|--------------|
| 1992 | 25,50% | 64,46% | 7,10% | 2,95% | 12,62% |
| 1993 | 27,23% | 63,43% | 6,58% | 2,76% | 14,44% |
| 1994 | - | - | - | - | - |
| 1995 | 25,77% | 61,12% | 10,65% | 2,47% | 16,17% |
| 1996 | 23,59% | 65,17% | 8,96% | 2,28% | 13,65% |
| 1997 | 25,61% | 64,49% | 8,12% | 1,78% | 15,35% |
| 1998 | 23,34% | 66,87% | 8,01% | 1,78% | 12,69% |
| 1999 | 22,76% | 67,12% | 8,39% | 1,73% | 13,30% |
| 2000 | - | - | - | - | - |
| 2001 | - | - | - | - | - |
| 2002 | 14,66% | 69,51% | 7,96% | 7,87% | 12,89% |
| 2003 | 16,75% | 69,01% | 6,18% | 8,07% | 14,41% |
| 2004 | 16,46% | 62,84% | 12,75% | 7,94% | 16,52% |
| 2005 | 15,30% | 64,27% | 12,35% | 8,08% | 13,49% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Obs. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 9 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, DA REGIÃO NORDESTE NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Ind. Transf. | Serviços | Agropecuária |
|------|-----------|--------------|----------|--------------|
| 1985 | 11,90% | - | 13,18% | 20,37% |
| 1986 | 12,16% | 7,10% | 13,96% | 19,96% |
| 1987 | 10,40% | 6,60% | 12,76% | 19,80% |
| 1988 | 9,89% | 6,39% | 12,78% | 20,90% |
| 1989 | 9,69% | 6,39% | 11,05% | - |
| 1990 | 10,46% | 6,68% | 13,22% | 18,85% |
| 1991 | 11,09% | 6,85% | 13,81% | 18,63% |
| 1992 | 10,72% | 6,60% | 12,35% | 18,67% |
| 1993 | 10,87% | 6,15% | 11,69% | 14,45% |
| 1994 | 10,94% | 5,89% | 12,73% | 16,83% |
| 1995 | 10,94% | 5,77% | 13,02% | 19,19% |
| 1996 | 10,99% | 5,77% | 13,67% | 19,98% |
| 1997 | 11,75% | 5,64% | 13,35% | 17,72% |
| 1998 | 12,29% | 5,91% | 13,32% | 14,75% |
| 1999 | 12,27% | 6,39% | 13,39% | 14,59% |
| 2000 | 11,52% | 6,22% | 13,73% | 16,43% |
| 2001 | 11,91% | 6,39% | 13,67% | 14,35% |
| 2002 | 11,98% | 6,05% | 13,34% | 21,36% |
| 2003 | 11,57% | 6,11% | 13,21% | 20,65% |
| 2004 | 11,24% | 5,53% | 13,39% | 21,69% |
| 2005 | 11,79% | 5,66% | 13,55% | 23,28% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 10 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO NORDESTE ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Ind. Transf. | Serviços | Agropecuária |
|------|-----------|--------------|----------|--------------|
| 1985 | 38,80% | - | 44,16% | 17,04% |
| 1986 | 32,64% | 19,06% | 34,85% | 13,46% |
| 1987 | 29,24% | 18,55% | 39,36% | 12,85% |
| 1988 | 29,03% | 18,76% | 39,01% | 13,20% |
| 1989 | 32,58% | 21,48% | 45,94% | - |
| 1990 | 27,53% | 17,59% | 45,03% | 9,86% |
| 1991 | 26,89% | 16,63% | 47,85% | 8,64% |
| 1992 | 27,84% | 17,12% | 46,64% | 8,39% |
| 1993 | 29,02% | 16,43% | 47,62% | 6,93% |
| 1994 | 28,89% | 15,55% | 44,43% | 11,13% |
| 1995 | 27,28% | 14,38% | 47,38% | 10,97% |
| 1996 | 26,86% | 14,11% | 48,46% | 10,57% |
| 1997 | 29,20% | 14,02% | 47,83% | 8,95% |
| 1998 | 29,66% | 14,25% | 48,41% | 7,68% |
| 1999 | 30,13% | 15,69% | 46,77% | 7,41% |
| 2000 | 29,82% | 16,11% | 46,15% | 7,92% |
| 2001 | 30,73% | 16,47% | 45,14% | 7,66% |
| 2002 | 21,77% | 10,98% | 59,43% | 7,81% |
| 2003 | 21,87% | 11,55% | 58,06% | 8,52% |
| 2004 | 23,06% | 11,35% | 57,43% | 8,17% |
| 2005 | 23,01% | 11,05% | 58,74% | 7,20% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 11 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO NORDESTE ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------------|
| 1985 | 18,07% | 79,94% | 1,50% | 15,39% |
| 1986 | 19,07% | 79,07% | 1,38% | 16,64% |
| 1987 | 18,14% | 77,97% | 1,26% | 15,74% |
| 1988 | 17,70% | 77,87% | 1,20% | 15,44% |
| 1989 | 18,71% | 75,79% | 1,42% | 16,42% |
| 1990 | 17,49% | 76,23% | 1,37% | 15,11% |
| 1991 | 16,74% | 74,57% | 1,39% | 14,50% |
| 1992 | 16,18% | 74,17% | 1,51% | 13,94% |
| 1993 | 14,71% | 73,71% | 1,50% | 12,37% |
| 1994 | 16,04% | 73,28% | 3,46% | 12,91% |
| 1995 | 15,65% | 78,66% | 3,81% | 13,11% |
| 1996 | 15,84% | 79,68% | 3,62% | 13,21% |
| 1997 | 15,90% | 80,16% | 3,59% | 13,54% |
| 1998 | 14,74% | 81,44% | 3,75% | 12,77% |
| 1999 | 14,70% | 81,80% | 3,50% | 12,73% |
| 2000 | 15,18% | 81,11% | 3,71% | 13,26% |
| 2001 | 15,00% | 81,57% | 3,43% | 13,19% |
| 2002 | 15,33% | 80,97% | 3,69% | 13,40% |
| 2003 | 14,68% | 81,40% | 3,92% | 12,92% |
| 2004 | 15,29% | 80,97% | 3,74% | 13,51% |
| 2005 | 15,03% | 81,51% | 3,46% | 13,32% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 12- PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO, INCLUINDO FORMAL E INFORMAL, DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO NORDESTE ENTRE 1992 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Outros | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------|--------------|
| 1992 | 25,69% | 44,97% | 27,08% | 2,26% | 14,05% |
| 1993 | 28,00% | 46,19% | 23,75% | 2,06% | 14,33% |
| 1994 | - | - | - | - | - |
| 1995 | 23,85% | 48,40% | 25,82% | 1,93% | 13,18% |
| 1996 | 25,16% | 49,93% | 23,30% | 1,60% | 13,73% |
| 1997 | 24,97% | 50,91% | 22,26% | 1,85% | 12,57% |
| 1998 | 27,44% | 50,84% | 20,10% | 1,62% | 12,61% |
| 1999 | 26,16% | 51,05% | 20,95% | 1,84% | 13,30% |
| 2000 | - | - | - | - | - |
| 2001 | - | - | - | - | - |
| 2002 | 14,67% | 56,77% | 21,75% | 6,81% | 13,24% |
| 2003 | 14,32% | 57,37% | 21,11% | 7,20% | 12,91% |
| 2004 | 14,86% | 57,25% | 20,63% | 7,27% | 13,45% |
| 2005 | 14,78% | 57,02% | 21,00% | 7,20% | 13,34% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Obs. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 13 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO CENTRO-OESTE NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Ind. Transf. | Serviços | Agropecuária |
|------|-----------|--------------|----------|--------------|
| 1985 | 2,09% | - | 9,43% | 7,52% |
| 1986 | 2,49% | 1,14% | 9,19% | 9,33% |
| 1987 | 2,02% | 1,03% | 9,86% | 7,97% |
| 1988 | 2,15% | 1,13% | 10,03% | 8,50% |
| 1989 | 1,97% | 1,02% | 12,82% | 7,68% |
| 1990 | 2,20% | 1,11% | 13,83% | 7,54% |
| 1991 | 2,39% | 1,32% | 11,39% | 8,78% |
| 1992 | 2,47% | 1,46% | 11,21% | 7,74% |
| 1993 | 2,52% | 1,41% | 11,14% | 8,94% |
| 1994 | 2,98% | 1,51% | 9,82% | 9,09% |
| 1995 | 3,06% | 1,39% | 8,43% | 9,62% |
| 1996 | 3,10% | 1,43% | 8,62% | 9,61% |
| 1997 | 3,21% | 1,45% | 8,83% | 10,07% |
| 1998 | 3,41% | 1,52% | 9,14% | 10,09% |
| 1999 | 3,20% | 1,54% | 8,69% | 11,26% |
| 2000 | 3,34% | 1,57% | 9,30% | 12,99% |
| 2001 | 3,55% | 1,59% | 9,37% | 12,33% |
| 2002 | 4,74% | 2,26% | 9,95% | - |
| 2003 | 4,74% | 2,34% | 10,17% | - |
| 2004 | 4,98% | 2,36% | 10,37% | - |
| 2005 | 4,89% | 2,31% | 10,16% | - |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 14 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO CENTRO-OESTE ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Agropecuária | Indústria | Ind. Transf. | Serviços |
|------|--------------|-----------|--------------|----------|
| 1985 | 14,07% | 15,23% | - | 70,70% |
| 1986 | 17,52% | 18,59% | 8,53% | 63,89% |
| 1987 | 12,54% | 13,73% | 6,99% | 73,73% |
| 1988 | 12,68% | 14,92% | 7,87% | 72,40% |
| 1989 | 7,25% | 10,26% | 5,32% | 82,49% |
| 1990 | 6,94% | 10,18% | 5,14% | 82,88% |
| 1991 | 8,25% | 11,76% | 6,51% | 79,99% |
| 1992 | 6,66% | 12,30% | 7,27% | 81,04% |
| 1993 | 7,60% | 11,95% | 6,68% | 80,45% |
| 1994 | 12,48% | 16,34% | 8,27% | 71,17% |
| 1995 | 12,56% | 17,40% | 7,93% | 70,04% |
| 1996 | 11,76% | 17,51% | 8,09% | 70,73% |
| 1997 | 11,38% | 17,84% | 8,07% | 70,78% |
| 1998 | 11,25% | 17,61% | 7,86% | 71,14% |
| 1999 | 13,01% | 17,91% | 8,59% | 69,08% |
| 2000 | 13,56% | 18,75% | 8,79% | 67,69% |
| 2001 | 14,09% | 19,63% | 8,76% | 66,28% |
| 2002 | - | 16,28% | 7,75% | 83,72% |
| 2003 | - | 16,70% | 8,23% | 83,30% |
| 2004 | - | 18,68% | 8,83% | 81,32% |
| 2005 | - | 17,80% | 8,41% | 82,20% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 15 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO CENTRO – OESTE ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------------|
| 1985 | 11,08% | 85,22% | 2,69% | 8,40% |
| 1986 | 11,83% | 84,42% | 2,81% | 9,35% |
| 1987 | 11,23% | 83,34% | 2,66% | 8,87% |
| 1988 | 11,08% | 82,48% | 2,60% | 8,80% |
| 1989 | 11,69% | 80,60% | 2,96% | 9,42% |
| 1990 | 10,84% | 79,18% | 2,83% | 8,34% |
| 1991 | 11,05% | 77,83% | 2,60% | 8,56% |
| 1992 | 11,73% | 73,38% | 3,86% | 9,06% |
| 1993 | 10,55% | 69,10% | 3,79% | 8,72% |
| 1994 | 11,80% | 76,35% | 5,82% | 9,60% |
| 1995 | 11,64% | 80,48% | 6,84% | 9,82% |
| 1996 | 12,37% | 79,98% | 7,21% | 10,55% |
| 1997 | 12,44% | 80,25% | 7,20% | 10,89% |
| 1998 | 12,22% | 80,16% | 7,60% | 10,79% |
| 1999 | 11,95% | 79,91% | 8,12% | 10,69% |
| 2000 | 12,13% | 79,68% | 8,17% | 11,09% |
| 2001 | 12,16% | 79,76% | 8,08% | 10,92% |
| 2002 | 12,25% | 79,74% | 8,01% | 11,04% |
| 2003 | 12,15% | 79,23% | 8,62% | 10,94% |
| 2004 | 12,42% | 78,63% | 8,95% | 11,24% |
| 2005 | 12,08% | 79,57% | 8,35% | 10,89% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 16 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO, INCLUINDO FORMAL E INFORMAL, DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO CENTRO – OESTE ENTRE 1992 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Outros | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------|--------------|
| 1992 | 21,72% | 53,40% | 20,99% | 3,89% | 10,39% |
| 1993 | 21,53% | 52,88% | 21,07% | 4,52% | 9,63% |
| 1994 | - | - | - | - | - |
| 1995 | 21,92% | 53,76% | 20,79% | 3,53% | 11,72% |
| 1996 | 20,43% | 58,11% | 17,75% | 3,71% | 10,38% |
| 1997 | 22,12% | 55,39% | 19,14% | 3,35% | 13,09% |
| 1998 | 21,00% | 59,00% | 17,10% | 2,89% | 15,45% |
| 1999 | 19,96% | 57,68% | 19,26% | 3,10% | 10,87% |
| 2000 | - | - | - | - | - |
| 2001 | - | - | - | - | - |
| 2002 | 12,47% | 61,29% | 11,59% | 14,64% | 11,43% |
| 2003 | 15,34% | 58,58% | 14,16% | 11,92% | 13,95% |
| 2004 | 14,24% | 58,23% | 13,84% | 13,69% | 13,28% |
| 2005 | 13,96% | 58,72% | 14,33% | 12,98% | 12,82% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Obs. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 17 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, DA REGIÃO SUDESTE NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005.

| Ano | Indústria | Ind. Transf. | Serviços | Agropecuária |
|------|-----------|--------------|----------|--------------|
| 1985 | 67,45% | - | 59,26% | 37,14% |
| 1986 | 65,76% | 48,92% | 57,48% | 31,09% |
| 1987 | 67,59% | 52,03% | 59,32% | 33,61% |
| 1988 | 66,95% | 52,95% | 59,26% | 33,87% |
| 1989 | 65,61% | 50,89% | 59,37% | 41,51% |
| 1990 | 64,13% | 49,20% | 54,79% | 35,46% |
| 1991 | 63,29% | 47,57% | 56,75% | 38,46% |
| 1992 | 63,36% | 46,81% | 58,99% | 38,05% |
| 1993 | 62,07% | 45,44% | 61,28% | 36,04% |
| 1994 | 61,49% | 42,67% | 58,68% | 36,94% |
| 1995 | 62,29% | 41,95% | 59,01% | 36,00% |
| 1996 | 62,30% | 40,41% | 57,91% | 32,76% |
| 1997 | 62,01% | 39,26% | 58,58% | 35,17% |
| 1998 | 61,29% | 38,68% | 58,21% | 38,06% |
| 1999 | 61,46% | 38,73% | 58,54% | 35,11% |
| 2000 | 61,92% | 38,51% | 57,75% | 32,45% |
| 2001 | 60,33% | 38,35% | 58,02% | 36,62% |
| 2002 | 59,30% | 37,71% | 56,86% | 36,35% |
| 2003 | 59,62% | 39,40% | 56,11% | 32,22% |
| 2004 | 59,55% | 39,10% | 55,45% | 33,93% |
| 2005 | 60,08% | 38,20% | 55,96% | 36,55% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 18 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO SUDESTE ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Agropecuária | Indústria | Ind.Transf. | Serviços |
|------|--------------|-----------|-------------|----------|
| 1985 | 6,91% | 48,93% | - | 44,16% |
| 1986 | 6,15% | 51,77% | 38,51% | 42,08% |
| 1987 | 5,53% | 48,12% | 37,04% | 46,35% |
| 1988 | 5,36% | 49,28% | 38,98% | 45,36% |
| 1989 | 5,13% | 44,76% | 34,72% | 50,11% |
| 1990 | 4,96% | 45,13% | 34,62% | 49,91% |
| 1991 | 4,85% | 41,72% | 31,36% | 53,43% |
| 1992 | 4,23% | 40,68% | 30,05% | 55,09% |
| 1993 | 3,99% | 38,32% | 28,06% | 57,68% |
| 1994 | 6,24% | 41,47% | 28,78% | 52,29% |
| 1995 | 5,27% | 39,77% | 26,78% | 54,96% |
| 1996 | 4,62% | 40,62% | 26,35% | 54,76% |
| 1997 | 4,65% | 40,37% | 25,55% | 54,98% |
| 1998 | 5,22% | 38,99% | 24,61% | 55,79% |
| 1999 | 4,78% | 40,44% | 25,48% | 54,78% |
| 2000 | 4,23% | 43,33% | 26,95% | 52,45% |
| 2001 | 5,33% | 42,43% | 26,97% | 52,24% |
| 2002 | 3,55% | 28,78% | 18,30% | 67,67% |
| 2003 | 3,57% | 30,24% | 19,98% | 66,19% |
| 2004 | 3,43% | 32,77% | 21,51% | 63,80% |
| 2005 | 3,04% | 31,60% | 20,09% | 65,36% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 19 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO SUDESTE ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------------|
| 1985 | 27,21% | 70,59% | 1,61% | 23,96% |
| 1986 | 28,19% | 69,87% | 1,38% | 25,20% |
| 1987 | 26,75% | 69,22% | 1,15% | 23,78% |
| 1988 | 24,98% | 68,77% | 1,14% | 22,70% |
| 1989 | 25,28% | 68,63% | 1,56% | 22,86% |
| 1990 | 24,25% | 67,35% | 1,62% | 21,81% |
| 1991 | 22,87% | 67,00% | 1,56% | 20,45% |
| 1992 | 21,78% | 67,14% | 1,97% | 19,27% |
| 1993 | 21,37% | 64,95% | 2,04% | 18,95% |
| 1994 | 22,22% | 69,45% | 3,69% | 19,54% |
| 1995 | 21,08% | 73,76% | 4,20% | 18,70% |
| 1996 | 20,57% | 74,97% | 4,19% | 18,27% |
| 1997 | 19,94% | 75,77% | 4,21% | 17,80% |
| 1998 | 18,92% | 76,93% | 4,13% | 16,56% |
| 1999 | 18,88% | 76,91% | 4,20% | 16,80% |
| 2000 | 18,76% | 76,89% | 4,35% | 16,62% |
| 2001 | 18,03% | 77,79% | 4,19% | 15,87% |
| 2002 | 17,74% | 78,16% | 4,10% | 15,65% |
| 2003 | 17,84% | 78,16% | 4,00% | 15,68% |
| 2004 | 18,56% | 77,39% | 4,04% | 16,36% |
| 2005 | 18,27% | 77,87% | 3,86% | 16,10% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 20 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO, INCLUINDO FORMAL E INFORMAL, DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO SUDESTE ENTRE 1992 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Outros | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------|--------------|
| 1992 | 32,71% | 46,81% | 16,86% | 3,62% | 22,57% |
| 1993 | 33,57% | 47,17% | 15,84% | 3,42% | 23,50% |
| 1994 | - | - | - | - | - |
| 1995 | 32,00% | 50,45% | 14,22% | 3,32% | 22,18% |
| 1996 | 30,90% | 52,12% | 13,63% | 3,34% | 21,51% |
| 1997 | 30,95% | 52,51% | 13,90% | 2,64% | 21,03% |
| 1998 | 29,89% | 53,80% | 13,13% | 3,18% | 19,90% |
| 1999 | 29,46% | 53,53% | 14,20% | 2,81% | 20,17% |
| 2000 | - | - | - | - | - |
| 2001 | - | - | - | - | - |
| 2002 | 21,12% | 55,84% | 11,08% | 11,96% | 19,59% |
| 2003 | 21,15% | 55,86% | 10,90% | 12,09% | 19,43% |
| 2004 | 21,85% | 55,62% | 10,87% | 11,66% | 20,04% |
| 2005 | 21,21% | 56,62% | 10,36% | 11,81% | 19,55% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Obs. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 21 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, DA REGIÃO SUL NO BRASIL ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Ind. Transf. | Serviços | Agropecuária |
|------|-----------|--------------|----------|--------------|
| 1985 | 15,15% | - | 14,88% | 29,15% |
| 1986 | 15,48% | 12,40% | 15,67% | 31,94% |
| 1987 | 15,96% | 12,84% | 14,72% | 30,66% |
| 1988 | 17,06% | 13,81% | 14,59% | 28,73% |
| 1989 | 18,61% | 14,80% | 13,58% | 37,26% |
| 1990 | 19,11% | 15,29% | 14,13% | 26,66% |
| 1991 | 19,21% | 15,17% | 14,00% | 23,49% |
| 1992 | 19,69% | 15,87% | 14,06% | 26,91% |
| 1993 | 19,97% | 16,13% | 12,68% | 25,66% |
| 1994 | 20,06% | 15,44% | 14,46% | 28,32% |
| 1995 | 19,08% | 13,89% | 15,66% | 26,64% |
| 1996 | 18,98% | 13,70% | 15,69% | 30,04% |
| 1997 | 18,90% | 13,33% | 15,14% | 29,98% |
| 1998 | 18,57% | 12,66% | 15,21% | 30,09% |
| 1999 | 18,84% | 13,47% | 15,23% | 31,12% |
| 2000 | 18,73% | 13,59% | 14,96% | 30,42% |
| 2001 | 19,19% | 14,07% | 14,84% | 29,46% |
| 2002 | 18,73% | 13,33% | 15,61% | 31,57% |
| 2003 | 18,87% | 13,90% | 16,17% | 36,81% |
| 2004 | 18,88% | 13,89% | 16,14% | 34,45% |
| 2005 | 17,84% | 12,67% | 15,75% | 28,52% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 22 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, NA REGIÃO SUL ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Agropecuária | Indústria | Ind. Transf. | Serviços |
|------|--------------|-----------|--------------|----------|
| 1985 | 19,72% | 39,96% | - | 40,31% |
| 1986 | 21,07% | 40,65% | 32,55% | 38,28% |
| 1987 | 18,07% | 40,72% | 32,75% | 41,21% |
| 1988 | 16,08% | 44,43% | 35,96% | 39,49% |
| 1989 | 16,02% | 44,14% | 35,09% | 39,84% |
| 1990 | 12,41% | 44,75% | 35,80% | 42,84% |
| 1991 | 10,28% | 43,97% | 34,71% | 45,76% |
| 1992 | 10,40% | 43,95% | 35,44% | 45,64% |
| 1993 | 10,49% | 45,48% | 36,73% | 44,03% |
| 1994 | 15,33% | 43,37% | 33,38% | 41,30% |
| 1995 | 12,71% | 39,72% | 28,92% | 47,57% |
| 1996 | 13,48% | 39,35% | 28,39% | 47,17% |
| 1997 | 13,01% | 40,36% | 28,48% | 46,62% |
| 1998 | 13,53% | 38,72% | 26,40% | 47,75% |
| 1999 | 13,70% | 40,15% | 28,71% | 46,15% |
| 2000 | 12,93% | 42,74% | 31,02% | 44,33% |
| 2001 | 13,77% | 43,34% | 31,77% | 42,89% |
| 2002 | 10,02% | 29,56% | 21,03% | 60,42% |
| 2003 | 12,46% | 29,24% | 21,54% | 58,30% |
| 2004 | 10,73% | 32,02% | 23,55% | 57,25% |
| 2005 | 7,88% | 31,11% | 22,10% | 61,01% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEADATA. Para 2002-2005: Sistema de Contas Regionais Referência 2002. Para 1985-2001: Antigo Sistema de Contas Regionais. Conceito utilizado a partir de 1985 a preços básicos. Obs. A partir de 2002, mudança metodológica.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 23 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO FORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO SUL ENTRE 1985 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------------|
| 1985 | 32,81% | 65,04% | 1,81% | 30,37% |
| 1986 | 34,08% | 63,94% | 1,64% | 31,87% |
| 1987 | 32,93% | 63,25% | 1,59% | 30,78% |
| 1988 | 32,22% | 62,40% | 1,52% | 30,16% |
| 1989 | 32,50% | 61,76% | 1,90% | 30,54% |
| 1990 | 30,66% | 62,09% | 1,80% | 28,67% |
| 1991 | 30,53% | 60,73% | 1,85% | 28,51% |
| 1992 | 29,25% | 60,32% | 2,43% | 27,41% |
| 1993 | 29,63% | 53,48% | 2,56% | 27,88% |
| 1994 | 30,84% | 61,16% | 4,10% | 28,80% |
| 1995 | 30,06% | 65,05% | 4,27% | 28,20% |
| 1996 | 29,78% | 65,78% | 4,24% | 28,10% |
| 1997 | 28,84% | 66,93% | 4,18% | 27,23% |
| 1998 | 27,78% | 67,89% | 4,31% | 26,28% |
| 1999 | 28,59% | 67,20% | 4,21% | 27,23% |
| 2000 | 29,02% | 67,10% | 3,88% | 27,66% |
| 2001 | 28,93% | 67,31% | 3,75% | 27,58% |
| 2002 | 29,23% | 67,15% | 3,62% | 27,94% |
| 2003 | 29,17% | 67,11% | 3,70% | 27,86% |
| 2004 | 29,98% | 66,31% | 3,71% | 28,74% |
| 2005 | 29,19% | 67,28% | 3,53% | 27,92% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do MTE – RAIS. A partir de 1992, mudança metodológica, por isso os dados apresentam variações expressivas neste período.

TABELA REFERENTE AO GRÁFICO 24 - PARTICIPAÇÃO NO EMPREGO INFORMAL DAS CLASSES DE ATIVIDADES NA REGIÃO SUL ENTRE 1992 A 2005

| Ano | Indústria | Serviços | Agropecuária | Outros | Ind. Transf. |
|------|-----------|----------|--------------|--------|--------------|
| 1992 | 38,98% | 43,77% | 14,32% | 2,94% | 29,71% |
| 1993 | 40,38% | 44,32% | 12,21% | 3,09% | 31,96% |
| 1994 | - | - | - | - | - |
| 1995 | 38,79% | 46,02% | 12,34% | 2,85% | 30,61% |
| 1996 | 38,35% | 47,52% | 11,39% | 2,75% | 30,60% |
| 1997 | 39,19% | 46,60% | 11,15% | 3,06% | 30,69% |
| 1998 | 37,92% | 48,98% | 10,69% | 2,41% | 29,27% |
| 1999 | 38,72% | 48,10% | 10,77% | 2,40% | 30,30% |
| 2000 | - | - | - | - | - |
| 2001 | - | - | - | - | - |
| 2002 | 30,61% | 52,49% | 7,73% | 9,18% | 29,89% |
| 2003 | 30,00% | 52,41% | 8,19% | 9,40% | 29,25% |
| 2004 | 30,31% | 51,91% | 8,27% | 9,50% | 29,46% |
| 2005 | 31,33% | 52,37% | 7,18% | 9,13% | 30,37% |

FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do PNAD. Dados não disponíveis para os anos 1985-1991

TABELAS REFERENTE A PARTICIPAÇÃO DO VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL
SEGUNDO A DIVISÃO DE ATIVIDADES POR ESTADOS NAS REGIÕES NORTE, NORDESTE,
CENTRO-OESTE, SUDESTE E SUL (NESTA ORDEM)

FONTE: SIDRA – Elaboração própria

| ACRE | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|---------|---------|---------|---------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 43,86% | 69,98% | 39,39% | 42,24% |
| Fabricação de produtos têxteis | - | - | - | - |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | - | - | 0,80% | 0,73% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos de madeira | 9,79% | 6,53% | 17,76% | 26,29% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | - | - | - | - |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 17,19% | 8,58% | 16,35% | 6,21% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | - | - | - | 1,03% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 11,11% | 1,20% | - | - |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 7,39% | 4,17% | 7,25% | 8,09% |
| Metalurgia básica | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | - | 0,84% | 4,30% | 3,09% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | - | - | - |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | - | - | - | 0,72% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | - | - | - |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 3,78% | 4,42% | 3,83% | 4,17% |
| Reciclagem | - | - | - | - |
| Outros | 6,89% | 4,28% | 10,32% | 7,43% |

| PARÁ | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|---------|---------|---------|---------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 22,83% | 17,26% | 20,03% | 18,17% |
| Fabricação de produtos do fumo | - | - | - | 0,66% |
| Fabricação de produtos têxteis | 1,46% | 1,10% | 0,65% | 1,06% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 0,31% | 0,22% | 0,14% | 0,21% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,07% | 0,24% | 0,61% | 1,21% |
| Fabricação de produtos de madeira | 21,93% | 18,53% | 18,81% | 15,94% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 14,61% | 5,42% | 6,99% | 7,06% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 3,41% | 2,18% | 1,21% | 0,87% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 0,33% | 0,36% | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | 3,75% | 2,07% | 2,43% | 5,56% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 0,57% | 0,23% | 0,44% | 0,44% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 3,91% | 9,59% | 8,20% | 9,52% |
| Metalurgia básica | 23,20% | 39,28% | 37,68% | 35,45% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 0,93% | 0,51% | 0,47% | 1,25% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 1,12% | 0,36% | 0,39% | 0,54% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | 0,10% | - |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,05% | 0,21% | 0,03% | 0,04% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | 0,07% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,01% | - | 0,19% | 0,18% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,25% | 0,08% | 0,07% | 0,11% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,67% | 1,89% | 0,32% | 0,15% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,53% | 0,41% | 0,83% | 0,97% |
| Reciclagem | - | - | - | 0,04% |
| Outros | 4,71% | 0,06% | 8,36% | 0,49% |

| RONDÔNIA | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 29,70% | 37,52% | 50,34% | 63,05% |
| Fabricação de produtos têxteis | - | 0,08% | - | 0,05% |
| Confeção de artigos do vestuário e acessórios | 0,19% | 0,55% | 0,41% | 0,36% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | - | 0,13% | 8,00% | 5,79% |
| Fabricação de produtos de madeira | 53,18% | 51,15% | 32,28% | 23,07% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | - | 0,13% | 0,56% | 1,24% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 2,99% | 2,45% | 1,53% | 1,04% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | 3,12% | 1,37% | 0,96% | 0,69% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 1,39% | 0,48% | 0,83% | 0,72% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 2,02% | 3,40% | 2,76% | 2,30% |
| Metalurgia básica | - | 0,55% | 0,52% | 1,39% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,19% | 0,45% | 0,74% | 0,44% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | - | 0,03% | 0,16% | - |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | - |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | - | 0,03% | - | 0,02% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | 0,01% | 0,04% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | - | - | - |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,99% | 0,77% | 0,15% | 0,12% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | - | 0,02% | 0,05% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 1,57% | 0,88% | 0,60% | 0,45% |
| Reciclagem | - | - | - | - |
| Outros | 3,65% | 0,03% | 0,14% | 0,46% |

| RORAIMA | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 59,03% | 48,96% | 34,24% | 37,10% |
| Fabricação de produtos do fumo | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos têxteis | - | - | - | - |
| Confeção de artigos do vestuário e acessórios | - | - | - | 0,23% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | - | - | 7,85% | - |
| Fabricação de produtos de madeira | 3,75% | 10,28% | 40,54% | 21,59% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | - | - | - | - |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 15,91% | 17,84% | 3,87% | 6,56% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | - | - | - | - |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 12,76% | 11,78% | 4,70% | 5,81% |
| Metalurgia básica | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 6,33% | 8,58% | 2,01% | 2,80% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | - | - | - | - |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | - |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | - | - | - | - |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | - | - | - |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | - | - | 4,99% | - |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | - | - | - |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 1,81% | 1,96% | 1,44% | 4,11% |
| Reciclagem | - | - | - | - |
| Outros | 0,41% | 0,58% | 0,36% | 21,81% |

| TOCANTINS | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|---------|---------|---------|---------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 56,35% | 68,92% | 48,22% | 68,62% |
| Fabricação de produtos do fumo | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos têxteis | - | - | 0,07% | 0,41% |
| Confeção de artigos do vestuário e acessórios | 0,19% | 0,46% | 1,36% | 0,53% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,10% | 2,11% | 2,01% | 4,05% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,31% | 0,20% | 0,41% | 0,25% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | - | - | - | - |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 4,79% | 4,83% | 6,87% | 2,61% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | 0,00% | 3,59% | 4,35% | 5,16% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 3,07% | 1,11% | 6,73% | 3,71% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 21,40% | 13,73% | 23,65% | 6,57% |
| Metalurgia básica | - | - | 1,97% | 0,12% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 6,84% | 1,64% | 1,53% | 2,99% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | - | - | - | - |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | - |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | - | - | 0,12% | - |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | - | - | - |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 2,56% | 1,68% | 0,30% | 0,67% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | - | - | - |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,30% | 0,64% | 1,54% | 1,26% |
| Reciclagem | - | - | - | - |
| Outros | 4,07% | 1,07% | 4,24% | 12,56% |

| ALAGOAS | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 43,80% | 42,53% | 63,00% | 61,04% |
| Fabricação de produtos do fumo | 0,23% | 2,09% | 0,74% | 0,24% |
| Fabricação de produtos têxteis | 1,12% | 2,60% | 1,78% | 1,35% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 0,03% | 0,06% | 0,14% | 0,05% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,02% | 0,08% | 0,06% | 0,05% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,13% | 0,19% | 0,08% | 0,18% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 0,17% | 0,12% | 0,10% | 0,09% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 1,50% | 2,26% | 1,24% | 1,16% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 19,38% | 14,29% | 4,06% | 2,36% |
| Fabricação de produtos químicos | 29,14% | 30,04% | 20,83% | 25,31% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 0,73% | 1,45% | 1,21% | 1,21% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 1,28% | 2,11% | 4,64% | 3,17% |
| Metalurgia básica | 0,67% | 0,05% | 0,06% | - |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 0,17% | 0,17% | 0,27% | 1,45% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 1,31% | 1,57% | 0,83% | 1,65% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | - |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | - | - | - | 0,02% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,01% | - | - | - |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,17% | 0,20% | 0,37% | 0,21% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | - | 0,25% | 0,06% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,09% | 0,06% | 0,20% | 0,32% |
| Reciclagem | - | - | - | - |
| Outros | 0,05% | 0,12% | 1,12% | 1,49% |

| BAHIA | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 16,22% | 9,71% | 11,06% | 8,18% |
| Fabricação de produtos do fumo | 0,23% | 0,32% | 0,29% | 0,24% |
| Fabricação de produtos têxteis | 2,03% | 2,81% | 2,28% | 1,15% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 0,98% | 0,83% | 0,69% | 0,83% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,39% | 1,23% | 1,98% | 1,64% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,43% | 0,35% | 0,21% | 0,13% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 4,74% | 6,85% | 7,10% | 4,32% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 2,66% | 1,54% | 0,74% | 0,64% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 10,41% | 20,29% | 27,11% | 32,56% |
| Fabricação de produtos químicos | 42,64% | 36,56% | 27,40% | 24,93% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 2,79% | 1,82% | 1,79% | 2,88% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 2,26% | 1,66% | 1,52% | 1,32% |
| Metalurgia básica | 7,68% | 9,72% | 7,43% | 4,15% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,06% | 1,01% | 1,03% | 1,55% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 2,55% | 0,89% | 1,60% | 1,28% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 0,39% | 2,52% | 0,86% | 3,24% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 1,65% | 1,19% | 1,06% | 2,14% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | 0,10% | 0,23% | 0,32% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,21% | 0,12% | 0,26% | 0,35% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,08% | 0,05% | 4,40% | 6,87% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,04% | 0,05% | 0,05% | 0,46% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,52% | 0,30% | 0,89% | 0,77% |
| Reciclagem | - | 0,06% | 0,03% | 0,05% |

| CEARÁ | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 30,01% | 29,06% | 21,05% | 22,82% |
| Fabricação de produtos do fumo | - | 0,01% | 0,00% | 0,00% |
| Fabricação de produtos têxteis | 22,32% | 24,65% | 16,20% | 8,76% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 8,14% | 5,68% | 6,43% | 6,06% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 11,25% | 12,40% | 22,46% | 25,59% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,18% | 0,13% | 0,07% | 0,13% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 0,52% | 0,86% | 1,62% | 1,51% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 3,35% | 2,29% | 1,89% | 1,95% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 1,91% | - | - | 9,65% |
| Fabricação de produtos químicos | 4,91% | 4,36% | 4,31% | 6,90% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 2,50% | 1,48% | - | 1,02% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 4,39% | 4,06% | 7,52% | 3,53% |
| Metalurgia básica | 0,94% | 1,24% | 1,92% | 2,67% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,65% | 1,95% | 2,04% | 1,70% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 4,37% | 3,82% | 2,81% | 2,34% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | 0,09% | 0,09% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 1,28% | 0,74% | 0,41% | 1,07% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 0,04% | 0,03% | 0,01% | 0,60% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,74% | 0,60% | 0,54% | 0,70% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,59% | 0,67% | 1,03% | 1,20% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,25% | 0,20% | 0,21% | 0,18% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,55% | 0,86% | 1,01% | 1,47% |
| Reciclagem | 0,04% | 0,03% | 0,04% | 0,06% |

| MARANHÃO | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 19,67% | 17,24% | 15,17% | 17,94% |
| Fabricação de produtos do fumo | 0,03% | 0,02% | - | - |
| Fabricação de produtos têxteis | 2,23% | 0,14% | 0,65% | 0,44% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 0,22% | 0,20% | 0,16% | 0,24% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | - | 0,57% | 0,54% | 0,54% |
| Fabricação de produtos de madeira | 4,13% | 3,26% | 3,19% | 2,61% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 2,68% | 0,12% | 2,55% | 1,39% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 2,91% | 2,48% | 1,81% | 1,17% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 2,23% | - | 2,55% | 2,47% |
| Fabricação de produtos químicos | 6,53% | 9,35% | 7,41% | 7,13% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 0,95% | 0,67% | 1,04% | 0,90% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 5,74% | 5,35% | 5,33% | 3,53% |
| Metalurgia básica | 49,55% | 54,11% | 57,62% | 57,43% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 0,37% | 0,35% | 0,79% | 1,63% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 0,19% | 0,56% | 0,38% | 1,00% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | - |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | - | 0,08% | 0,10% | 0,09% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | - | - | - |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,07% | 0,05% | 0,04% | 0,14% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,30% | 0,53% | 0,04% | 0,05% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 1,65% | 1,31% | 0,45% | 1,07% |
| Reciclagem | - | - | - | 0,07% |
| Outros | 0,55% | 3,61% | 0,15% | 0,15% |

| PARAÍBA | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 17,64% | 23,12% | 12,32% | 16,36% |
| Fabricação de produtos do fumo | 0,00% | - | 0,02% | 0,54% |
| Fabricação de produtos têxteis | 13,21% | 14,82% | 22,48% | 18,27% |
| Confeção de artigos do vestuário e acessórios | 5,52% | 1,12% | 1,46% | 2,84% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 19,33% | 24,14% | 20,88% | 24,47% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,08% | 0,10% | 0,07% | 0,10% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 1,45% | 1,24% | 1,09% | 1,52% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 4,67% | 4,05% | 3,82% | 4,39% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 12,84% | 4,53% | 6,47% | 4,87% |
| Fabricação de produtos químicos | 1,39% | 2,47% | 1,58% | 2,37% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 4,70% | 5,82% | 2,30% | 2,42% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 16,38% | 15,02% | 23,78% | 18,48% |
| Metalurgia básica | - | 0,06% | 0,02% | 0,03% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,81% | 1,07% | 1,05% | 1,16% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 0,36% | 0,62% | 0,80% | 0,74% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | 0,10% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,18% | 0,20% | 0,05% | 0,12% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | 0,83% | 0,57% | 0,39% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,05% | 0,02% | 0,04% | 0,09% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | - | - | - |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,21% | 0,73% | 0,55% | 0,50% |
| Reciclagem | - | - | 0,48% | 0,21% |

| PERNAMBUCO | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 37,98% | 29,31% | 35,08% | 37,94% |
| Fabricação de produtos do fumo | 4,51% | - | 0,00% | - |
| Fabricação de produtos têxteis | 2,64% | 2,87% | 2,79% | 2,11% |
| Confeção de artigos do vestuário e acessórios | 2,38% | 2,40% | 1,43% | 1,30% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,64% | 1,51% | 0,98% | 0,94% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,13% | 0,03% | 0,08% | 0,33% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 2,69% | 3,37% | 2,97% | 2,43% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 4,55% | 3,20% | 3,77% | 3,97% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 3,06% | 0,76% | 0,46% | 0,62% |
| Fabricação de produtos químicos | 12,35% | 13,76% | 14,12% | 14,09% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 2,24% | 5,55% | 4,41% | 4,53% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 6,29% | 5,61% | 6,14% | 7,53% |
| Metalurgia básica | 6,14% | 9,99% | 7,48% | 9,68% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 2,02% | 9,13% | 9,51% | 3,92% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 3,47% | 2,64% | 1,88% | 2,57% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 0,15% | 0,11% | 0,02% | 0,10% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 6,10% | 6,83% | 4,26% | 3,74% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | 0,08% | 1,27% | 0,64% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,12% | 0,08% | 0,12% | 0,19% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,20% | 1,08% | 0,36% | 0,18% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,51% | 0,09% | 2,01% | 1,67% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 1,77% | 1,51% | 0,70% | 1,32% |
| Reciclagem | - | - | 0,17% | 0,19% |

| PIAUI | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 49,07% | 41,24% | 52,10% | 63,99% |
| Fabricação de produtos do fumo | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos têxteis | 0,96% | 0,86% | 0,33% | 0,69% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 17,53% | 10,66% | 6,68% | 3,34% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 7,08% | 5,25% | 3,60% | 0,75% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,18% | 0,52% | 0,12% | 0,15% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | - | 2,24% | 1,40% | 1,17% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 5,93% | 4,89% | 1,89% | 1,36% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | 5,46% | 10,40% | 4,06% | 3,84% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 1,00% | 0,88% | 0,64% | 1,39% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 4,10% | 7,98% | 18,69% | 11,79% |
| Metalurgia básica | - | 0,12% | - | 0,01% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,10% | 1,29% | 0,80% | 0,98% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 0,18% | 3,33% | 2,65% | 2,01% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | 0,20% | 0,17% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,61% | 1,84% | 0,13% | - |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | 0,12% | 0,07% | 0,05% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,26% | 0,72% | 0,28% | 0,33% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | - | 1,66% | - |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 3,88% | 6,68% | 2,99% | 2,76% |
| Reciclagem | - | - | - | - |
| Outros | 2,65% | 0,98% | 1,71% | 5,22% |

| RIO GRANDE DO NORTE | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 30,13% | 29,06% | 38,53% | 35,92% |
| Fabricação de produtos têxteis | 38,08% | 32,18% | 15,08% | 25,33% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 3,73% | 10,37% | 17,01% | 8,18% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 1,36% | 2,90% | 4,09% | 3,35% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,13% | 0,34% | 0,16% | 0,14% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 0,14% | 0,30% | 0,25% | 0,72% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 2,47% | 3,50% | 3,08% | 2,53% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 6,93% | - | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | 1,40% | 0,71% | 1,11% | 1,82% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 1,41% | 2,24% | 2,92% | 4,16% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 8,64% | 6,66% | 10,11% | 5,67% |
| Metalurgia básica | 0,10% | 0,07% | 0,19% | 0,08% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 0,50% | 0,17% | 1,13% | 1,66% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 2,43% | 3,12% | 2,68% | 2,76% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | 0,44% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | - | 0,21% | 0,37% | 4,05% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | - | 0,01% | 0,06% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,30% | 0,45% | 0,24% | 0,18% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | 0,78% | - | 0,52% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 2,00% | 2,62% | 2,18% | 2,15% |
| Reciclagem | - | 0,03% | 0,03% | 0,05% |
| Outros | 17,77% | 4,30% | 0,81% | 21,37% |

| SERGIPE | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 25,83% | 28,89% | 27,22% | 24,91% |
| Fabricação de produtos do fumo | 1,07% | 1,27% | 0,18% | 0,34% |
| Fabricação de produtos têxteis | 29,01% | 11,66% | 10,97% | 10,23% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 2,33% | 1,48% | 1,60% | 2,55% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 10,41% | 1,17% | 1,05% | 3,79% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,20% | 0,11% | 0,13% | 0,19% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 0,05% | 0,37% | 0,39% | 1,10% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 2,76% | 2,48% | 1,13% | 1,29% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | 7,86% | 21,10% | 17,30% | 24,85% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 1,50% | 1,56% | 1,12% | 1,15% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 15,06% | 19,27% | 26,66% | 15,22% |
| Metalurgia básica | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 0,80% | 5,61% | 8,28% | 7,70% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 0,24% | 0,22% | 1,97% | 3,92% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | 0,09% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,03% | 0,08% | 0,08% | 0,26% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | - | - |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | - | - | - |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,29% | 0,17% | 0,04% | 0,20% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | - | 0,16% | 0,28% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,97% | 0,84% | 0,67% | 0,85% |
| Reciclagem | - | - | - | - |
| Outros | 1,60% | 3,73% | 1,06% | 1,08% |

| MATO GROSSO | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|---------|---------|---------|---------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 51,85% | 51,41% | 58,86% | 78,82% |
| Fabricação de produtos do fumo | - | - | - | 0,01% |
| Fabricação de produtos têxteis | 0,38% | 0,29% | 0,96% | 0,60% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 0,19% | 0,17% | 0,30% | 0,08% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,46% | 0,58% | 2,14% | 0,78% |
| Fabricação de produtos de madeira | 19,45% | 19,06% | 16,74% | 6,44% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 0,10% | 0,02% | 0,04% | 0,04% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 1,53% | 1,30% | 0,76% | 0,59% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 14,51% | 16,34% | 5,73% | 4,62% |
| Fabricação de produtos químicos | 1,50% | 1,72% | 3,38% | 2,23% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 0,78% | 0,74% | 1,21% | 0,75% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 4,65% | 5,56% | 6,12% | 1,87% |
| Metalurgia básica | 2,29% | 0,58% | 0,55% | 0,55% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,10% | 1,02% | 1,88% | 1,16% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 0,15% | 0,14% | 0,24% | 0,30% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | 0,02% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,13% | 0,12% | 0,09% | 0,28% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | - | 0,02% | 0,04% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,02% | 0,02% | - | 0,02% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,56% | 0,34% | 0,32% | 0,12% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,02% | 0,03% | 0,02% | 0,02% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,30% | 0,49% | 0,55% | 0,61% |
| Reciclagem | - | - | 0,01% | 0,04% |

| MATO GROSSO DO SUL | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|---------|---------|---------|---------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 67,78% | 66,08% | 65,52% | 66,53% |
| Fabricação de produtos têxteis | 1,14% | 0,88% | 2,96% | 2,92% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 0,26% | 0,27% | 2,33% | 2,30% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 1,00% | 1,75% | 6,90% | 3,23% |
| Fabricação de produtos de madeira | 1,87% | 2,51% | 3,54% | 2,75% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 0,10% | 0,23% | 0,06% | 1,40% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 1,52% | 1,97% | 2,15% | 1,17% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 13,59% | 11,39% | 3,44% | 7,11% |
| Fabricação de produtos químicos | 0,66% | 0,63% | 0,99% | 1,81% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 1,31% | 1,10% | 0,95% | 0,69% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 7,55% | 9,83% | 7,58% | 3,17% |
| Metalurgia básica | 0,24% | 0,82% | 1,35% | 3,17% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,46% | 0,91% | 0,43% | 0,85% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 0,47% | 0,61% | 0,65% | 1,46% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | - | 0,01% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,17% | 0,08% | 0,16% | 0,42% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | - | 0,05% | 0,03% | 0,01% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | 0,01% | 0,01% | 0,02% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,34% | 0,29% | 0,26% | 0,38% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,13% | 0,06% | 0,08% | 0,07% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,28% | 0,48% | 0,53% | 0,51% |
| Outros | 0,79% | 0,06% | 0,07% | 0,01% |

| GOIÁS | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 49,75% | 60,34% | 56,14% | 52,78% |
| Fabricação de produtos do fumo | 0,01% | 0,02% | 0,02% | 0,01% |
| Fabricação de produtos têxteis | 1,51% | 0,78% | 0,74% | 0,36% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 6,85% | 3,13% | 3,43% | 3,08% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 1,29% | 0,95% | 2,21% | 1,56% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,55% | 0,48% | 0,43% | 0,46% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 0,65% | 0,81% | 1,52% | 1,88% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 3,24% | 2,55% | 1,79% | 1,39% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 6,64% | 2,02% | 2,37% | 3,98% |
| Fabricação de produtos químicos | 12,45% | 9,67% | 11,77% | 11,72% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 2,38% | 1,48% | 1,12% | 1,43% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 6,93% | 4,99% | 4,69% | 2,69% |
| Metalurgia básica | 4,21% | 7,19% | 7,00% | 7,18% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,46% | 3,20% | 2,68% | 4,62% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 0,41% | 0,53% | 0,71% | 0,69% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | - | 0,04% | 0,03% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,18% | 0,35% | 0,18% | 0,08% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 0,01% | 0,03% | 0,04% | 0,01% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,02% | 0,04% | 0,05% | 0,22% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,31% | 0,28% | 1,61% | 4,71% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,15% | 0,20% | 0,14% | 0,15% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 0,99% | 0,97% | 1,30% | 0,85% |
| Reciclagem | - | - | 0,03% | 0,11% |

| DISTRITO FEDERAL | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 29,51% | 40,22% | 34,68% | 40,88% |
| Fabricação de produtos do fumo | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos têxteis | 0,13% | 0,05% | 0,05% | 0,02% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 0,99% | 0,62% | 0,83% | 0,56% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | - | 0,03% | 0,05% | 0,18% |
| Fabricação de produtos de madeira | 1,38% | 0,59% | 0,97% | 1,16% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 0,53% | 0,34% | 0,37% | 0,17% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 27,45% | 15,43% | 21,24% | 18,34% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | - | - | - |
| Fabricação de produtos químicos | 2,36% | 2,03% | 1,36% | 1,51% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 0,56% | 0,35% | 0,87% | 0,49% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 20,23% | 25,96% | 25,09% | 18,91% |
| Metalurgia básica | 1,03% | 0,34% | 2,06% | 0,94% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 2,27% | 0,72% | 3,57% | 9,14% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 6,51% | 6,35% | 5,23% | 4,65% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 3,36% | 4,53% | 0,94% | 0,17% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,72% | 0,27% | 0,25% | 0,43% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 0,05% | 0,11% | 0,07% | 0,01% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | - | 0,11% | 0,07% | 0,62% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 0,69% | 0,45% | 0,94% | 0,23% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,39% | - | 0,11% | - |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 1,83% | 1,49% | 1,25% | 1,29% |
| Reciclagem | - | - | - | 0,15% |
| Outros | - | 0,01% | - | 0,17% |

| ESPÍRITO SANTO | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|---------|---------|---------|---------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 23,76% | 16,54% | 11,33% | 9,03% |
| Fabricação de produtos têxteis | 2,53% | 1,89% | 0,36% | 0,77% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 2,47% | 2,98% | 1,63% | 1,78% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 1,13% | 1,03% | 0,30% | 0,37% |
| Fabricação de produtos de madeira | 1,16% | 0,65% | 0,36% | 0,75% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 16,58% | 21,70% | 29,33% | 19,07% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 2,41% | 1,96% | 0,38% | 0,84% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 1,03% | 0,66% | 0,45% | 1,34% |
| Fabricação de produtos químicos | 1,75% | 3,14% | 3,29% | 2,18% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 0,92% | 1,01% | 1,19% | 1,05% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 10,36% | 14,08% | 11,11% | 9,04% |
| Metalurgia básica | 28,61% | 28,96% | 31,91% | 44,94% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 1,44% | 1,04% | 1,71% | 1,08% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 1,59% | 1,87% | 3,62% | 4,99% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | 0,05% | 0,46% | 0,05% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 0,65% | 0,29% | 0,82% | 0,42% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,05% | 0,07% | 0,15% | 0,18% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 1,34% | 0,15% | 0,09% | 0,18% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,60% | 0,20% | 0,15% | 0,15% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 1,24% | 1,52% | 1,20% | 1,54% |
| Reciclagem | 0,29% | 0,20% | 0,13% | 0,22% |
| Outros | 4,51% | 8,63% | 0,01% | 0,00% |

| MINAS GERAIS | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|---------|---------|---------|---------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 18,76% | 15,82% | 14,64% | 15,39% |
| Fabricação de produtos do fumo | 6,03% | 1,48% | 0,88% | 1,45% |
| Fabricação de produtos têxteis | 3,62% | 5,02% | 2,89% | 2,55% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 1,68% | 1,74% | 1,41% | 1,11% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 1,55% | 0,77% | 1,11% | 0,82% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,33% | 0,42% | 0,53% | 0,67% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 1,93% | 3,50% | 4,07% | 2,36% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 2,04% | 1,77% | 1,38% | 1,14% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 2,60% | 6,11% | 5,97% | 8,25% |
| Fabricação de produtos químicos | 6,52% | 9,14% | 7,86% | 6,32% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 1,26% | 1,67% | 1,45% | 1,38% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 5,74% | 6,35% | 6,71% | 4,92% |
| Metalurgia básica | 20,17% | 22,03% | 26,38% | 28,83% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 5,15% | 3,90% | 5,28% | 5,00% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 3,26% | 3,57% | 3,67% | 3,15% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 0,26% | 0,22% | 0,20% | 0,33% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 1,53% | 2,58% | 1,91% | 2,11% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 0,53% | 0,41% | 0,53% | 0,21% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,46% | 0,57% | 0,45% | 0,65% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 13,86% | 10,58% | 10,63% | 11,44% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,30% | 0,39% | 0,42% | 0,46% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 2,33% | 1,83% | 1,51% | 1,33% |
| Reciclagem | 0,09% | 0,10% | 0,13% | 0,13% |

| RIO DE JANEIRO | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 14,06% | 13,57% | 9,14% | 8,00% |
| Fabricação de produtos do fumo | 0,13% | 0,19% | 0,02% | 0,11% |
| Fabricação de produtos têxteis | 1,69% | 1,43% | 1,07% | 0,74% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 3,17% | 2,44% | 1,86% | 1,40% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,80% | 0,61% | 0,39% | 0,19% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,19% | 0,18% | 0,19% | 0,13% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 1,78% | 1,50% | 1,51% | 1,13% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 11,71% | 10,21% | 8,47% | 6,15% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | - | 19,41% | 28,89% |
| Fabricação de produtos químicos | 20,20% | 21,51% | 15,65% | 12,78% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 4,17% | 3,72% | 3,08% | 2,48% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 3,29% | 3,84% | 4,00% | 2,78% |
| Metalurgia básica | 12,89% | 10,66% | 14,58% | 16,17% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 4,61% | 3,34% | 2,90% | 2,77% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 3,10% | - | 2,50% | 2,58% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | - | 0,02% | 3,79% | 0,18% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 1,33% | 1,07% | 1,14% | 0,79% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 0,44% | 0,35% | 0,18% | 0,91% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,89% | 1,37% | 1,20% | 0,96% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 1,09% | 3,57% | 4,89% | 6,85% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 2,56% | 2,07% | 3,08% | 3,39% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 2,06% | 0,99% | 0,90% | 0,54% |
| Reciclagem | 0,08% | 0,09% | 0,05% | 0,06% |

| SÃO PAULO | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 14,08% | 14,64% | 14,08% | 13,54% |
| Fabricação de produtos do fumo | 0,13% | 0,02% | 0,03% | 0,03% |
| Fabricação de produtos têxteis | 3,39% | 2,82% | 2,34% | 2,17% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 1,79% | 1,50% | 1,12% | 1,07% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,97% | 0,68% | 0,78% | 0,70% |
| Fabricação de produtos de madeira | 0,43% | 0,54% | 0,54% | 0,57% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 4,51% | 4,48% | 4,82% | 4,20% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 5,87% | 5,38% | 4,22% | 4,02% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 6,08% | 7,82% | 11,99% | 13,30% |
| Fabricação de produtos químicos | 14,88% | 17,44% | 14,64% | 13,66% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 5,35% | 5,37% | 4,58% | 5,10% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 2,87% | 3,15% | 3,22% | 2,73% |
| Metalurgia básica | 2,98% | 3,54% | 4,30% | 5,36% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 4,33% | 4,08% | 3,71% | 4,95% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 8,81% | 7,20% | 7,75% | 7,65% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 0,81% | 1,06% | 0,59% | 0,47% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 3,84% | 3,69% | 2,92% | 2,93% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 3,41% | 3,38% | 2,49% | 1,89% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,90% | 1,00% | 1,01% | 1,10% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 11,88% | 8,25% | 9,67% | 11,06% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,64% | 2,03% | 3,41% | 2,17% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 2,00% | 1,90% | 1,72% | 1,23% |
| Reciclagem | 0,04% | 0,04% | 0,06% | 0,09% |

| PARANÁ | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 29,46% | 22,94% | 24,90% | 20,20% |
| Fabricação de produtos do fumo | 3,75% | 0,63% | 0,65% | 0,27% |
| Fabricação de produtos têxteis | 1,83% | 1,37% | 2,01% | 1,91% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 1,41% | 1,50% | 1,27% | 1,24% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,82% | 0,69% | 0,60% | 0,60% |
| Fabricação de produtos de madeira | 5,29% | 7,13% | 5,98% | 5,67% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 5,58% | 7,22% | 8,67% | 5,86% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 3,44% | 3,17% | 1,95% | 1,89% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 5,60% | 11,31% | 10,57% | 19,22% |
| Fabricação de produtos químicos | 6,79% | 7,62% | 6,55% | 6,37% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 2,72% | 2,88% | 2,17% | 2,59% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 3,81% | 4,12% | 4,03% | 3,48% |
| Metalurgia básica | 1,24% | 1,32% | 1,06% | 0,93% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 2,90% | 2,49% | 2,29% | 2,97% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 8,16% | 7,32% | 6,19% | 6,73% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 0,21% | 0,77% | 0,20% | 0,65% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 2,72% | 1,64% | 1,94% | 1,29% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 6,07% | 3,80% | 3,44% | 2,81% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 1,02% | 0,55% | 0,78% | 0,57% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 3,36% | 8,52% | 11,66% | 11,42% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,24% | 0,06% | 0,09% | 0,09% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 3,55% | 2,95% | 2,94% | 3,19% |
| Reciclagem | 0,02% | 0,01% | 0,06% | 0,07% |

| RIO GRANDE DO SUL | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 20,46% | 17,37% | 17,40% | 17,52% |
| Fabricação de produtos do fumo | 2,52% | 8,11% | 7,77% | 5,40% |
| Fabricação de produtos têxteis | 0,89% | 1,35% | 1,13% | 1,17% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 1,65% | 1,00% | 0,87% | 0,98% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 16,00% | 13,03% | 13,56% | 9,88% |
| Fabricação de produtos de madeira | 1,00% | 1,06% | 1,27% | 1,25% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 2,80% | 3,29% | 3,17% | 1,86% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 2,43% | 2,54% | 2,08% | 1,97% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | - | 7,44% | 2,87% | 3,24% |
| Fabricação de produtos químicos | 9,77% | 10,86% | 11,44% | 14,37% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 3,44% | 3,22% | 3,53% | 4,17% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 2,49% | 2,66% | 2,87% | 2,40% |
| Metalurgia básica | 2,43% | 2,98% | 2,41% | 4,23% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 5,46% | 4,51% | 4,65% | 5,34% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 7,85% | 7,64% | 9,56% | 9,08% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 0,35% | 0,23% | 0,30% | 0,64% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 1,94% | 1,57% | 1,95% | 1,67% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 0,87% | 0,63% | 0,92% | 0,84% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,91% | 0,66% | 0,73% | 0,80% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 5,50% | 4,96% | 7,02% | 8,04% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | - | 0,08% | 0,08% | 0,70% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 4,60% | 4,78% | 4,36% | 4,34% |
| Reciclagem | 0,03% | 0,03% | 0,04% | 0,10% |

| SANTA CATARINA | 1996 | 1999 | 2002 | 2005 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Indústrias de transformação | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 19,94% | 22,83% | 22,20% | 25,80% |
| Fabricação de produtos do fumo | 1,55% | 2,96% | 1,66% | 2,18% |
| Fabricação de produtos têxteis | 10,73% | 9,29% | 8,63% | 7,22% |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 11,23% | 9,80% | 7,38% | 8,08% |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados | 0,56% | 0,56% | 0,63% | 0,78% |
| Fabricação de produtos de madeira | 3,90% | 5,35% | 6,47% | 5,05% |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 5,55% | 6,05% | 6,16% | 5,16% |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 1,58% | 1,20% | 1,15% | 1,36% |
| Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool | 0,03% | 0,05% | 0,06% | 0,16% |
| Fabricação de produtos químicos | 2,10% | 2,32% | 2,37% | 2,60% |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 5,82% | 6,56% | 5,21% | 5,45% |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 5,53% | 5,46% | 5,16% | 4,10% |
| Metalurgia básica | 1,35% | 2,11% | 1,25% | 3,27% |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 2,15% | 1,97% | 2,91% | 3,33% |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 15,20% | 11,48% | 14,26% | 9,77% |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 0,04% | 0,04% | 0,06% | 0,08% |
| Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 3,45% | 2,79% | 4,61% | 5,99% |
| Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações | 0,52% | 0,53% | 0,58% | 0,55% |
| Fab. equip. instr. médico-hospitalares, de precisão/ópticos, p/ automação industrial, cronômetros | 0,54% | 0,52% | 0,84% | 0,55% |
| Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias | 3,94% | 4,29% | 3,49% | 4,60% |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 0,18% | 0,26% | 0,34% | 0,40% |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 4,13% | 3,56% | 4,50% | 3,29% |
| Reciclagem | 0,00% | 0,01% | 0,07% | 0,22% |
| Outros | 0,72% | 1,87% | 0,55% | 0,86% |